

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIA E
EDUCAÇÃO - UNAHCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ANA MARIA MARTINS BARBOSA

**A LEITURA NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vidalcir Ortigara

**CRICIÚMA
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

B238l Barbosa, Ana Maria Martins.

A leitura na formação do licenciando em educação física / Ana Maria Martins Barbosa ; orientador : Vidalcir Ortigara. – Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2015.

90 p. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2015.

1. Leitura (Ensino superior). 2. Estudantes de educação física. 3. Interesses na leitura. 4. Linguagem e línguas. I. Título.

CDD. 22. ed. 418.4


ANA MARIA MARTINS BARBOSA

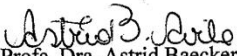
**A LEITURA NA FORMAÇÃO DO LICENCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

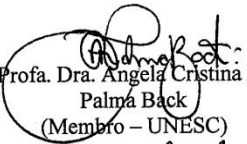
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 24 de abril de 2015.

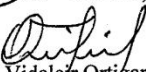
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
(Orientador – UNESC)


Prof. Dra. Astrid Baecker Ávila
(Membro - UFSC)


Prof. Dra. Angela Cristina Di
Palma Back
(Membro – UNESC)

Prof. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo
(Suplente – UNESC)


Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
Coordenador do PPGE-UNESC


Ana Maria Martins Barbosa
Mestranda

Aos meus pais Sueli e Bento.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Sueli e Bento, às minhas irmãs Alini e Dyenifer, e ao meu namorado Jean por estarem sempre ao meu lado, dando-me o suporte necessário e perdendo minhas ausências em decorrência dos estudos.

Agradeço imensamente ao meu orientador professor Dr. Vidalcir Ortigara por engajar-se neste estudo comigo, “abraçar a causa” servindo mais uma vez como mestre, amigo paciente nas tantas horas de orientação, leitura e esforço que envolveram esta pesquisa.

Agradeço também as professoras da banca, Ângela e Astrid, por também partilharem seu tempo, atenção e conhecimento neste momento especialíssimo em minha vida.

Em especial meus colegas, ou melhor, meus amigos do Mestrado: Aline, Aristides, Fernanda, Maurício, Daniela e Marilene que compartilharam suas experiências, angústias e conquistas durante este período de muito aprendizado e trabalho, passando a serem amigos além do curso.

Ao projeto “Ler & Educar: formação continuada para professores da rede pública de SC” – OBEDUC, núcleo Criciúma, que me acolheu com muito carinho, todos os professores e futuros professores. Em especial, a professora Angela que generosamente me aceitou no grupo de estudos, me concedendo a oportunidade de percorrer novos caminhos na minha formação acadêmica.

Aos professores e a Vanessa do PPGE por todas as contribuições, ajuda e disponibilidade durante o curso.

Agradecer também ao Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – FUMDES, pelo auxílio no financiamento de parte da pesquisa realizada.

“A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior [...]”.

VIGOTSKI.

RESUMO

Partimos do pressuposto de que a leitura está relacionada com todas as áreas do conhecimento e todas as disciplinas do currículo escolar. Em outras palavras, a leitura é uma atividade que permeia as práticas pedagógicas e que abrange todas as áreas de ensino. Interessou-nos discutir de que forma poderíamos articular a leitura com a Educação Física. Nosso objetivo consistiu em analisar como a leitura está inserida na formação de licenciandos do Curso de Licenciatura em Educação Física. A fim de delimitar os caminhos percorridos pela pesquisa, também analisamos qual a concepção de leitura dos licenciandos na formação final do curso e identificamos quais elementos do curso de formação levaram os licenciandos ao processo de leitura. Conforme os relatos dos licenciandos a leitura inseriu-se na formação desses futuros profissionais em grande parte sob a forma de textos obrigatórios, apostilas, cópias de trechos e capítulos de livros, ou seja, leitura fragmentada. A leitura por interesse em outros assuntos ou autores de temáticas para além da obrigação eram raras ou nunca realizadas, e na maioria dos casos se deu somente no final do curso. Os licenciandos compreendem a leitura como aquisição de conhecimento, ato de ler, decifração de códigos, gostar do que se está lendo, leitura como hábito e leitura como referência da escrita. Os elementos do curso que contribuíram para o processo de leitura dos licenciandos foram: algumas disciplinas, as estratégias de leitura, alguns momentos/fases do curso e as condições e ambientes para prática leitora como a biblioteca.

Palavras-chave: Leitura. Formação. Educação Física.

ABSTRACT

It is assumed that reading is related to all areas of knowledge and subjects of the academic curriculum. In other words, reading is an activity that pervades the pedagogical practices, covering all the teaching areas. The authors were interested in discussing how reading could be articulated with Physical Education. The main goal of this work consisted of analyzing how reading is inserted within the academic training of the Physical Education Licentiate program. In order to define the experimental approach, it was investigated the concept of reading assumed by the graduates in the end of the coursework and it was also identified what led the graduates towards the reading process. According to the reports of the graduates, reading was part of their academic formation mainly in the form of compulsory readings, handouts, copies of passages and chapters of books, that is fragmented reading. Reading by personal interest involving subjects and authors beyond the scope of the coursework was rare or non-existent and it mostly occurred at the end of the coursework. The graduates understand reading as knowledge acquisition, act of reading, deciphering codes, enjoy the reading, reading as a habit and reading as a writing reference. The course elements that contributed to their reading process were: some classes, the reading strategies, some moments/stages of the coursework and favorable environments to practice reading, such as the library.

Keywords: Reading. Formation. Physical Education.

LISTA DE SIGLAS

CA	Centro Acadêmico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
NIUE	Núcleo de Integração Universidade & Escola
OBEDUC	Observatório da Educação
PCC	Projeto Pedagógico do Curso
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 COMPREENSÃO DA LEITURA E REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO	27
2.1 A LINGUAGEM.....	27
2.2 LEITURA.....	34
2.3 OBJETO DE ESTUDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	45
2.3.1 Constituição das teorias pedagógicas	45
2.3.2 Concepção Crítico-Superadora.....	48
3 LEITURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA	52
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES.....	69
APÊNDICE A - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	70
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....	71
APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM OS LICENCIANDOS	72

1 INTRODUÇÃO

Desde a graduação de licenciatura em Educação Física e das experiências vividas durante esse período, começamos a perceber, ainda que de maneira parcial, o quão numerosos são os problemas enfrentados no ambiente escolar, são questões que vão da estrutura física das escolas até o déficit no ensino-aprendizagem. Na atuação como professora nos deparamos com realidades diversas e também preocupantes. Durante o nosso tempo de magistério analisamos que uma das problemáticas que permeia as reuniões pedagógicas - e até discussões mais informais entre os profissionais da educação - são as questões da leitura e, conseqüentemente, da escrita por parte dos educandos.

Essa visão generalizada em nenhum momento se volta ao questionamento da gênese do problema, o que pode indicar possível solução para o mesmo, se é na fase da alfabetização, nas aulas específicas de Língua Portuguesa, nos conhecidos “momentos de leitura”, na formação do professor, entre outros aspectos. Os discursos se embasam geralmente pelos baixos índices escolares, computados por testes e provas, com intuito de comparar, quantificar e qualificar o ensino, ou pelos resultados insatisfatórios de atividades desenvolvidas em sala de aula.

Os educadores se preocupam com a temática da leitura, compreendem a sua importância no desenvolvimento dos educandos, mas não percebem, talvez despropositadamente, que parte da suposta solução para a leitura e a escrita dos alunos está neles próprios, na sua formação como professores-leitores (SMITH, 1999); (SOLÉ, 1998). Algo interessante a ressaltar é que as licenciaturas formam o profissional para o mercado de trabalho, mas não enfatizam o ensino da leitura também como competência a ser apreendida por esses profissionais.

Ler no passado dizia respeito apenas a uma parcela da população, a escola elitizada era frequentada por aqueles considerados economicamente e socialmente “melhores”. Na atual realidade escolar a situação é diferente, a leitura é estendida a quase toda a população, mas é superficial devido a não ser entendida como um fator a ser desenvolvido na obtenção das interações com o meio e a sociedade (NEVES, 1999).

Leitura e escrita são habilidades interligadas. Um leitor proficiente tem maiores chances de produzir um texto considerado legível do que um indivíduo que não tem hábito ou acesso as práticas

leitoras (FOUCAMBERT, 1994). Conforme o leitor se desenvolve ele também vai se tornando um escritor.

Temos claro que ler e escrever sempre foram tarefas indissociáveis da vida escolar e das atribuições dos professores. Ler e escrever bem forjaram o padrão funcional da escola elitizada do passado, que atendia a parcelas pouco numerosas da população em idade escolar. Ler e escrever massiva e superficialmente tem sido a questão dramática da escola recente, sem equipamentos e estendida a quase toda a população (NEVES, 1999, p.10).

Partimos do pressuposto de que a leitura está relacionada com todas as áreas do conhecimento e todas as disciplinas do currículo escolar, ou seja, também deve ser um dos compromissos da escola. Devemos ampliar o âmbito da leitura como exclusividade das aulas de línguas e da biblioteca, pois entendemos que nas diversas áreas a leitura, além de promover o crescimento pessoal e social de cada estudante, é elemento central no processo de sua formação. Nos ambientes escolares, em pesquisas e nas discussões relacionadas à leitura, muito se fala quanto à sua importância como processo de conhecimento. Em outras palavras, a leitura é uma atividade que permeia as práticas pedagógicas e que abrange todas as áreas de ensino (NEVES, 1999).

Acreditamos que há uma ligação entre as práticas de leitura e o desenvolvimento cognitivo que acontece na sala de aula (ALLIENDE; CONDEMARÍM, 2005). O educador pode tornar-se comprometido em aprimorar o exercício da leitura, tanto seu quanto dos seus alunos, independente da disciplina que leciona, pois os alunos precisam de uma motivação, desencadeada pela necessidade do ato de ler. O professor, então, pode possuir o papel de oferecer esse exemplo sendo também um leitor proficiente (NEVES, 1999).

O aluno necessita de uma motivação para o ato da leitura, o discurso de que “ler é bom”, segundo Britto (2012), já não traz impacto no meio escolar. Por meio das atividades direcionadas pelo professor, o aluno precisa reconhecer um motivo para tal atividade, ler sem uma finalidade já se torna mais uma obrigação, algo puramente automático. Para Neves (1999), o professor tem papel fundamental nesse processo, é ele que irá apresentar o livro, o texto, a imagem e, podemos dizer, as práticas corporais. Estimular leitores capazes de apreender múltiplas

formas de linguagem através da criação, promoção de experiências e situações novas são atribuições do educador.

O estudante deve ter acesso à aprendizagem da leitura, e o lugar prioritário que irá uni-los é a escola. Precisamos de boas condições para que essa prática seja desenvolvida nas salas de aula e em todos os espaços que a escola proporciona (NEVES, 1999). Temos o exemplo da biblioteca, um ambiente que pode proporcionar a atividade de leitura, organizada para dar suporte às aulas de sala de aula. Os alunos devem entendê-la como um lugar onde podem aprimorar e aprofundar seus conhecimentos, e não como uma saída para a “liberdade da sala de aula”.

A sociedade vê a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo entre a criança e a leitura/escrita. Todo estudante deve ter acesso a ler e a escrever em boas condições, mesmo que nem sempre tenha uma caminhada escolar bem traçada. Independente de sua história merece respeito e atenção quanto a suas vivências e expectativas. Daí a importância da intervenção mediadora do professor e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade, para qualquer estudante, como são o ler e escrever (NEVES, 1999, p. 10).

Independente do aluno, da sua história, do seu nível de aprendizagem, a oportunidade do acesso a diversas formas de ler é imprescindível para a formação do aluno, também como cidadão (FOUCAMBERT, 1994). Nos tempos atuais nos deparamos com uma escola que prepara alunos para o mercado de trabalho, aqueles que em determinados casos abandonam o estudo para sustentar a família. Mas o motivo de abandono dos alunos se volta também à escola estar modalizada de uma forma que estes a veem como uma obrigação, as práticas pedagógicas estão mais voltadas aos conteúdos programáticos e estão esquecendo que estamos trabalhando com seres humanos que pensam, que refletem, que se comunicam, que têm algo a dizer por meio do seu pensar e agir.

As pesquisas voltadas à leitura direcionam-se, na sua maioria, à área da Língua Portuguesa e outras línguas, abrangendo temas como o hábito de ler; a motivação para a leitura; a importância do ato de ler; os fatores técnicos para o ensino da leitura. São pesquisas que, embora pouco numerosas, continuam enfrentando discursos de que ler e escrever é tema a ser enfrentado atualmente na educação.

Como a Educação Física é uma disciplina vista no meio escolar, principalmente pelos alunos, como um momento da prática esportiva e do lazer (MACEDO; ANTUNES, 2006), interessou-nos discutir de que forma podemos articular a leitura com a Educação Física. Através de buscas em artigos, livros, revistas, percebemos que a leitura estava sendo relacionada de forma geral à interdisciplinaridade e não se encontrou estudos que tratavam da leitura e da Educação Física especificamente¹.

A pesquisa se faz relevante por atuarmos como docente na rede pública, o que nos permitiu identificar nas práticas pedagógicas a dificuldade de alunos no ensino-aprendizagem, e pela falta de oportunidade destes apreenderem os mesmos conhecimentos, sem diferenciação, seja por gênero, déficit de aprendizagem ou classe social.

Tais reflexões se fundem também por atuarmos com colaborações em um trabalho desenvolvido, ainda que de maneira parcial, junto ao Observatório da Educação - OBEDUC/CAPES - no projeto *Ler e Educar: formação continuada para professores da rede pública de SC*, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC. O objetivo do projeto é capacitar profissionais da educação em leitura, pertencentes a todas as áreas, convidando-os a repensar e aperfeiçoar as suas práticas com base nesse processo de ensino.

Devido aos motivos acima expostos, compreendemos então que a leitura e a Educação Física estão relacionadas, e a pesquisa ganha importância uma vez que não encontramos estudos que discorrem sobre esta temática.

Assim surgiram muitos questionamentos. Qual a relação entre leitura e Educação Física? Qual a expressão escrita das práticas corporais? Como levar leituras para os alunos, sendo que a maioria se interessa prioritariamente pelas práticas corporais? O professor de Educação Física precisa ser um leitor proficiente? A leitura seria uma

¹Na base de dados SCIELO não foram encontrados resultados com a temática “Educação Física e Leitura”. Com a chave de busca “Leitura” foram encontrados 2.497 resultados.

forma dos alunos apreenderem os conhecimentos relativos às práticas corporais? Se as respostas das questões anteriores forem no sentido positivo, nos questionamos como abordar a leitura nas aulas de Educação Física? Os alunos perderiam gosto e o interesse pela disciplina? Que formação o professor de Educação Física deve ter em relação à leitura?

A Educação Física faz parte da escola, está entre as disciplinas regulares, possui currículo, conteúdos programáticos, objetivos a serem alcançados, métodos avaliativos como qualquer outra área. Então, partimos da ideia de que para algo ser modificado na prática pedagógica nas aulas de Educação Física, com o intuito de melhorá-la na questão de ensino, também dependerá de iniciativa do professor, ou seja, se este é um leitor assíduo e reconhece que as práticas leitoras são necessárias, importantes para o processo ensino-aprendizagem, poderá incluí-las no seu programa de ensino e desenvolvê-las durante as suas aulas. Ademais, compreendemos que independente do professor abordar diretamente o tema, a questão da leitura perpassa obrigatoriamente todas as áreas do conhecimento escolar.

Diante das muitas perguntas e reflexões chegamos ao seguinte problema: como a leitura está inserida na formação dos licenciandos em fase final do curso de Licenciatura em Educação Física? Definiram-se alguns objetivos para direcionar a pesquisa: analisar como a leitura está inserida na formação de licenciandos em fase final do Curso de Licenciatura em Educação Física. A fim de delimitar os caminhos que serão percorridos pela pesquisa, também estabelecemos os objetivos específicos: analisar qual a concepção de leitura dos licenciandos na formação final do curso; identificar quais elementos do curso de formação levam os licenciandos ao processo de leitura.

No segundo capítulo discorreremos sobre a compreensão da leitura e reflexões acerca do processo, subdividindo-o em: linguagem, essencial fator quando tratamos de leitura, buscando por meio do embasamento teórico em Vigotski, na obra *A construção do pensamento e da Linguagem*, e Bakhtin, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, reflexões que discutem essa temática; leitura, para uma melhor compreensão do que significa, o que é o ato de ler, sua importância para o desenvolvimento do indivíduo, quais os tipos de leitura, o papel da escola no processo de leitura; e o objeto de estudo da Educação Física, a cultura corporal, denominação dada por um Coletivo de Autores no livro *Metodologia do Ensino de Educação Física* (1992).

A concepção Crítico-Superadora difundida inicialmente nos anos 1990, traz uma nova visão para o ensino de Educação Física que, juntamente com a concepção Crítico-Emancipatória, permite ao professor buscar novas propostas teórico-metodológicas de ensino, procurando o mais efetivo ensino-aprendizagem na tematização da cultura corporal.

No terceiro capítulo discutiremos sobre leitura e formação de professores em Educação Física, analisando os dados coletados por meio da pesquisa de campo. A discussão se deu em três grandes temáticas, aproximando as informações obtidas: a compreensão de leitura; como a leitura está inserida no curso de formação dos licenciandos e os elementos do curso de formação que levam os acadêmicos à prática leitora.

Compreender os processos que envolvem a formação de um profissional da educação é bastante complexo, são tantos os fatores que podem ser analisados que precisamos investigar mais restritamente o que buscamos para sanar nossos questionamentos e angústias.

Pesquisar requer cautela, responsabilidade, pois todas as informações alcançadas poderão modificar as realidades, os contextos. Normalmente as pesquisas pretendem contribuir a determinados setores, nesse caso no âmbito educacional, mais especificamente na área da Educação Física. Para alcançarmos os objetivos dessa pesquisa e responder ao problema pretendido, analisamos primeiramente quais instrumentos poderíamos utilizar para sua efetivação.

Optamos pela pesquisa de cunho qualitativo, pois possui uma abordagem integrada incluindo, além do mais facilmente observado, também os aspectos mais complexos, de compreensão do contexto onde ocorrem as interações dos sujeitos estudados com o ambiente em que estão inseridos.

Segundo Bogdan e Biklen (2010), a investigação qualitativa é descritiva, ou seja, através de palavras, imagens, não de números, não reduz o vasto material recolhido através de entrevistas, notas de campo a símbolos numéricos. Os investigadores qualitativos analisam os dados em sua magnitude e riqueza.

Outra característica observada é que o investigador qualitativo não se interessa apenas pelos resultados e sim e/ou até mais pelo processo; é muito importante saber qual caminho foi percorrido para se chegar aos dados finais (BOGDAN; BIKLEN, 2010).

Outra autora que fala sobre a pesquisa qualitativa é Teixeira (2005, p.137):

A pesquisa qualitativa tem as seguintes características:

- O pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno à organização.
- A pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação.
- A pesquisa enfatiza o processo dos acontecimentos, isto é, a sequência dos fatos ao longo do tempo.
- O enfoque da pesquisa é mais desestruturado, não há hipóteses fortes no início da pesquisa. Isso confere à pesquisa bastante flexibilidade.
- A pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados.

Segundo a autora, ao optar por este tipo de pesquisa encontramos algumas dificuldades devido ao trabalho exaustivo da coleta de dados, pela quantidade de dados a serem analisados. Neste tipo de pesquisa podemos considerar o social como um mar de significados que podem ser investigados, e a linguagem dos sujeitos e suas práticas como matérias-primas desse tipo de pesquisa.

Como sujeitos da pesquisa optamos pelos matriculados no oitavo semestre do curso de Licenciatura em Educação Física, numa universidade do estado de Santa Catarina. São futuros professores no final do curso. Escolhemos esse período por entender que é durante a formação que acontecem (ou deveriam acontecer) as modificações e aperfeiçoamento da constituição enquanto educador que mais tarde atuará na escola.

O instrumento adotado para a coleta de dados será uma entrevista semiestruturada de acordo com um roteiro pré-elaborado (apêndice B). Sobre este tipo de entrevista Manzini (2004, p.1) ressalta que,

Dentre as questões que se referem ao planejamento da coleta de informações estão presentes a necessidade de planejamento de questões que atinjam os objetivos pretendidos, a adequação da sequência de perguntas e a elaboração de roteiros [...].

A abordagem aos licenciandos aconteceu por meio de uma conversa na sala de aula, durante uma das aulas. Explanamos somente informações necessárias evitando, portanto, influenciá-los. Após esta

etapa, dez licenciandos por livre e espontânea vontade forneceram seus e-mails e a entrevista foi marcada neste meio eletrônico.

Realizamos a atividade com dez acadêmicos pessoalmente, sendo que a entrevista aconteceu em momentos distintos para cada pesquisado. Utilizamos como recurso um gravador, sendo que as respostas foram transcritas posteriormente. Eles assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido antes de serem entrevistados.

2 COMPREENSÃO DA LEITURA E REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO

Com intuito de alcançar os objetivos pretendidos nessa pesquisa, dividimos esse capítulo em três momentos. O primeiro traz algumas reflexões quanto ao embasamento teórico a partir de Vigotski e Bakhtin em relação à linguagem na perspectiva materialista-histórica. No segundo, algumas discussões realizadas quanto à questão da leitura propriamente dita. Na terceira parte estudos que tratam a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física.

2.1 A LINGUAGEM

Para tratarmos de leitura precisamos investigar o eixo principal dessa atividade, a linguagem. Apoiando-nos nas obras de Vigotski (2000) e Bakhtin (1997) discorreremos como estes autores abordam a linguagem, verificando suas perspectivas.

Percebemos que os dois autores quando abordam a interação social a tematizam como manifestação da dialética do subjetivo e do objetivo mediados pela linguagem. Vigotski (2000) nos traz que o homem, por meio de suas relações sociais, mediado pela linguagem, se constitui e se desenvolve como sujeito. Bakhtin (1997) traz considerações acerca da estrutura da enunciação na língua pela inter-relação no dialogismo, ou seja, o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados é a enunciação.

Segundo Bakhtin (1997), na filosofia da linguagem há duas orientações quando se toma a linguagem como objeto de estudo. À primeira orientação o autor chama de “subjetivismo idealista” e à segunda de “subjetivismo abstrato”.

No subjetivismo idealista o interesse é pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua, além de que o psiquismo individual constitui a fonte da língua. Nessa concepção as leis de criação linguística são as leis da psicologia individual, devendo ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem, considerando também a língua numa criação contínua, numa evolução sem interrupção.

O autor resume os fundamentos dessa primeira tendência em quatro proposições:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”),

que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.

2. As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual.

3. A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.

4. A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado (BAKHTIN, 1997, p.72).

Quanto à segunda orientação do pensamento filosófico-lingüístico, o “subjativismo abstrato”, o autor relata que para esta o fator crucial de todos os aspectos da língua, fazendo dela um objeto da ciência, pertence ao sistema lingüístico, sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais. A primeira tendência traz a língua em um fluxo de atos sem interrupções, já para a segunda, a língua é algo imóvel que domina este fluxo. Enunciação, ato de criação individual, cada um é único, mas em cada um encontramos elementos idênticos a outros em situações de um determinado grupo de locutores. Os traços idênticos, fonéticos, gramaticais e lexicais garantem a unidade de uma língua, e todos os locutores de uma mesma comunidade chegam a sua compreensão. Assim, o autor resume a segunda orientação em algumas proposições:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas lingüísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.

2. As leis da língua são essencialmente leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.

3. As ligações lingüísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos lingüísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e

compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.

4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua; simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si (BAKHTIN, 1997, p.82-83).

Bakhtin (1997) traz que o enunciado é determinado por várias formas de interação, que a língua se forma com a realidade, com os sujeitos locutores e com outros enunciados, não se restringe ao sistema puramente linguístico. Para o autor todo o enunciado é um diálogo ininterrupto. A partir desta afirmação podemos considerar a linguagem como um fenômeno social, sendo que a língua torna-se algo inseparável do fluxo da comunicação verbal, algo que não tem fim, é inacabado, nunca está completa, sempre se modifica.

Para o mesmo autor, o diálogo é “o encontro e a incorporação de vozes” em um determinado tempo e espaço histórico, ou seja, a enunciação é de natureza social e nunca será isolada. Nesse sentido podemos considerar que os sujeitos se constituem na interação uns com os outros, portanto também podemos considerar a língua como algo resultante de ações dos diferentes falantes, em diversos momentos históricos e formações sociais.

O princípio dialógico de Bakhtin (1997) refere-se a algo não finalizado, inconclusivo, da preservação da heterogeneidade, da diferença, da alteridade. O autor enfoca as particularidades da linguagem a partir do princípio dialógico. Por isso, podemos abordar a linguagem sem tratar das questões da língua de forma fechada, aqui a interação com o outro é um pressuposto.

Bakhtin (1997) concebe a linguagem como atividade prática social inserida em contextos comunicativos e culturais concretos, e a fala, por sua vez, se orienta socialmente.

Vigostki (2000) volta seus estudos a compreender o desenvolvimento do indivíduo na interação com o meio social, ou seja, o

indivíduo nasce e cresce aprendendo com os outros e com tudo que está a sua volta, no conjunto de relações recíprocas que está incluído.

Em sua obra *A construção do pensamento e da linguagem*, Vigotski (2000) apresenta uma análise do tema pensamento e linguagem, referindo-se a uma atividade de cunho social no qual o homem se desenvolve, se relaciona com os outros e com o mundo. Bezerra (2000), durante o prólogo do tradutor, afirma que essa relação entre homem e mundo passará pela mediação do discurso, pela construção de ideias e pensamentos e, assim, o sujeito consegue apreender o mundo e atuar sobre ele, “recebe a palavra do mundo sobre si mesmo e sobre ele-homem, e funda a sua própria palavra sobre esse mundo”.

Segundo Vigotski (2000), desde a Antiguidade tanto a linguística psicológica - que se refere à linguagem como pensamento sem som - quanto os psicólogos americanos - que consideram o pensamento com reflexo não exibido e não revelado na forma motora - conheceram uma ideia única de desenvolvimento que une o pensamento com a linguagem. O autor ainda ressalta que fundir o pensamento e a linguagem, igualá-las, não permite que sejam abordadas as relações que existem entre elas.

Para o autor a linguagem tem função comunicativa, é um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão.

Sabe-se ainda que a comunicação não mediatizada pela linguagem ou por outro sistema de signos ou de meios de comunicação, como se verifica no meio animal, viabiliza apenas a comunicação do tipo mais primitivo e nas dimensões mais limitadas (VIGOTSKI, 2000, p.11).

Vigotski (2000) enfatiza a importância da linguagem no desenvolvimento humano, dividindo-a em duas funções: comunicação social e de pensamento generalizante. Para o estudioso a linguagem está desde a comunicação entre as pessoas até a criação de categorias conceituais, facilitando e simplificando os processos de abstração do pensamento.

Para o autor, a linguagem e o pensamento possuem uma relação variável, possuem raízes distintas, mas durante o processo de desenvolvimento se aproximam, caracterizando o pensamento como verbal e a fala intelectual. Ele identifica a linguagem como um ato não mecanizado, mas um processo que podemos encontrar exteriormente, bem como interiormente. A linguagem interior se caracteriza por

interiorizar os signos, apropriação destes e de seus significados. A linguagem exterior se caracteriza por já estar internalizada pela criança e já reflete no comportamento dos sujeitos da fala.

A internalização implica a transformação de fenômenos sociais em fenômenos psicológicos, envolvendo a apropriação pelo sujeito do significado dos objetos, dos lugares ocupados pelos objetos e pelas pessoas e do significado das relações num processo que transcorre ao longo do desenvolvimento. Não se trata da internalização de cópias dos objetos reais, mas de suas significações. O que permite isso é a operação com signos. E a linguagem constitui-se na instância de internalização por excelência (SMOLKA; GÓES, 1993, p.66).

Para Vigotski (2000) o desenvolvimento do indivíduo acontece por mudanças biológicas e também pelas modificações histórico sociais, ou seja, o desenvolvimento do pensamento e da linguagem dependerá dos instrumentos de pensamento e das experiências vividas pelo indivíduo.

Vygotsky, por sua vez, postula as origens sociais do funcionamento mental, afirmando que a direção do desenvolvimento intelectual prossegue do social para o individual. Ele observou o desenvolvimento de aspectos funcionais e estruturais da fala egocêntrica, procurando fundamentar a sua hipótese da internalização: os modos sociais de interação, incluindo a função comunicativa da fala e a coordenação das relações sociais, são internalizados pelo indivíduo que passa a usar esses mesmos modos para organizar e atuar sobre a sua própria atividade. (SMOLKA; GÓES, 1993, p.35).

Segundo Vigotski (2000), conceber o pensamento e a linguagem como processos com relação externa entre si, independentes, que acontecem paralelamente e se cruzam em determinados pontos, com uma interação mecânica, seria totalmente incorreto, pois se está ausente um vínculo inicial entre eles, não significa que isso só possa aparecer dependente de uma ligação externa entre atividades que são diferentes

na nossa consciência. Para o estudioso, o erro das várias investigações do pensamento e da linguagem está essencialmente em considerá-los como processos de dois elementos autônomos, independentes e isolados, e quando se unificam seria externamente. É nesse processo que surge o pensamento verbalizado sem que tenha ocorrido a apreensão do significado social dos conceitos.

O autor ainda assevera que é por meio do significado da palavra que podemos encontrar a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra é inerente aos dois processos, não é um fenômeno somente da linguagem, como também não é um fenômeno somente do pensamento.

A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno de discurso (VIGOTSKI, 2000, p.398).

Vigotski (2000) ainda nos diz que o significado da palavra é um fenômeno do discurso e do intelecto. Porém, alerta que só é um fenômeno do pensamento quando este está vinculado com a palavra e nela materializado. Para Vigotski (2000, p.398), o significado da palavra “[...] é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz”.

Seguindo a discussão, o autor nos traz que uma descoberta muito importante na teoria do pensamento e da linguagem é quando compreendemos que os significados das palavras se desenvolvem, e isto supera o que as teorias anteriores do pensamento e da linguagem afirmavam, isto é, que o significado da palavra seria constante e imutável. O autor complementa: “[...] o significado da palavra, uma vez estabelecido, não pode deixar de desenvolver-se e sofrer modificações”. (VIGOTSKI, 2000, p.399). Ao modificar o significado da palavra ocorre também a modificação no processo do desenvolvimento da criança, e também há modificações dos diferentes modos de funcionamento do pensamento.

O estabelecimento da mutabilidade dos significados só se tornou possível quando foi definida corretamente a natureza do próprio significado. Esta se revela antes de tudo na generalização, que está contida como momento central, fundamental, em qualquer palavra, tendo

em vista que qualquer palavra já é uma generalização. Contudo, uma vez que o significado da palavra pode modificar-se em sua natureza interior, modifica-se também a relação do pensamento com a palavra (VIGOTSKI, 2000, p.408).

A análise deste autor distingue dois planos na própria linguagem, o aspecto semântico interior da linguagem e o aspecto físico e sonoro exterior. Ambos possuem suas leis de desenvolvimento individuais, apesar de formarem uma unidade. Esta unidade da linguagem é complexa e não homogênea. O aspecto externo da linguagem irá se desenvolver na criança desta maneira:

[...] a partir de uma palavra no sentido da concatenação de duas ou três palavras, depois no sentido de uma frase simples e da concatenação de frases para redundar, mais tarde, em proposições complexas e numa linguagem coordenada e formada pela série desenvolvida de orações (VIGOTSKI, 2000, p.410).

Assim a criança irá apreender o aspecto por fases da linguagem, ou seja, inicia com as partes e depois termina com o todo. Em se tratando do desenvolvimento semântico da linguagem, a criança iniciará por uma oração, pelo todo, e somente depois começará a assimilar as unidades semânticas, partes, os significados das palavras. Contudo podemos verificar que no aspecto semântico o desenvolvimento acontece do todo para as partes, da oração para a palavra, e o aspecto externo ao contrário, das partes para o todo, da palavra para a oração.

Em si mesmo esse fato ainda é insuficiente para nos convencer da necessidade de distinguir os movimentos dos planos semântico e sonoro da linguagem. Em ambos os planos os movimentos não coincidem, fundem-se em uma linha mas podem transcorrer por linhas de sentido diametralmente oposto [...] (VIGOTSKI, 2000, p.411).

Vigotski (2000) relata que desde o início o pensamento e a linguagem não são estruturados pelo mesmo modelo. A linguagem não é somente um fator a mais do pensamento, pois este quando se transforma

em linguagem, se reestrutura e também se modifica, não se expressa, mas se apresenta na palavra. Devido a isto os aspectos semântico e sonoro da linguagem, opostos, constituem uma unidade.

Em seus estudos Vigotski (2000) relata também o plano da linguagem interior. Esta tem o significado relacionado com a memória verbal. Outra concepção diz que a linguagem interior é aquela não pronunciada, sem som, muda, ou seja, linguagem sem som. Há uma terceira concepção que irá dizer que linguagem interior é tudo que precede ao ato motor de falar.

A confusão começa pela imprecisão terminológica. O termo *linguagem interior ou endofasia* vem sendo aplicado na literatura aos mais diversos fenômenos. Daí surge toda uma série de mal-entendidos, uma vez que os estudiosos discutem frequentemente sobre diferentes objetos, mas os nomeiam com mesmo termo (VIGOTSKI, 2000, p.422).

Para Vigotski (2000) uma concepção correta de linguagem interior é referente a uma formação particular por sua natureza psicológica, possui especificidades e se apresenta de forma complexa às outras formas de linguagem. Complementa que a linguagem interna é para si, diferentemente da linguagem externa que é para os outros.

Em certo sentido, pode-se dizer que a linguagem interior não é só aquilo que antecede a linguagem exterior ou a reproduz na memória, mas é oposta à linguagem exterior. Este é um processo de transformação do pensamento em palavra, é a sua materialização e sua objetivação (VIGOTSKI, 2000, p.425).

Antecedente a linguagem interior há linguagem egocêntrica que, segundo Vigotski (2000, p.427), “[...] é a chave para a investigação da linguagem interior” por ser aquela ainda vocalizada, com som, ou seja, linguagem exterior pelas suas manifestações, mas interior conforme as suas funções e estrutura.

2.2 LEITURA

Compreender o que é leitura parece tarefa difícil, entre tantas concepções e compreensões de estudiosos da área. Precisamos identificar aspectos convergentes e divergentes de algo amplo e

discutido no âmbito educacional. A leitura é uma atividade que deve ser ensinada e melhor desenvolvida nas salas de aula, ler é uma competência que devidamente apreendida é essencial para além das relações sociais.

Ensinar a ler é uma tarefa que pode ser difícil para muitos profissionais da educação. Atualmente há estudiosos que assumiram esta como competência e que são compromissos da escola, não somente do professor de língua portuguesa. Este é o caso dos estudos do Núcleo de Integração Universidade & Escola (NIUE/UFRGS), expostos em parte na obra intitulada *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*.

Para iniciarmos a discussão sobre a leitura precisamos saber o que significa, que questões pode abranger, quais sentidos se têm recebido quanto ao ensino e sua promoção nas pesquisas, debates e discussões.

Por ser um termo amplo, a leitura tem várias definições, buscaremos refletir tais definições e outros aspectos, na perspectiva sociointeracionista da leitura, considerando que esta perspectiva reforça a ideia de que o leitor, o texto e o meio, precisam interagir para que haja apreensão de conhecimento.

Britto (2012, p.21) afirma que em primeira instância ler significa “o ato de decifrar, em silêncio ou enunciado em voz alta, signos gráficos que traduzem a linguagem oral, de forma a tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito”.

Silva (2009) referencia-se ao ato de decifrar como “leitura mecânica”, sendo que nela apenas deciframos códigos e sinais.

Até pouco tempo, pensava-se que a alfabetização resumia-se a isso: transformar os sinais pretos sobre a folha branca em sons identificáveis a palavras. Habilidade semelhante é a de “saber ler” outras linguagens que não a do alfabeto [...]. Isso é leitura? Sem dúvida, mas é o seu nível mais elementar, e não é esse tipo de leitura que temos em mente quando pensamos em leitura na escola (SILVA, 2009, p. 23).

Para Freire (2008) o ato de ler não se limita à decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, antecedente a isso está a leitura de mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa

prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2008, p. 9).

Para o autor, o indivíduo necessita do que está a sua volta para compreender as relações que poderão existir. Identificar o som das letras e conseqüentemente da palavra não basta, são por meio das suas vivências, do que acontece nos ambientes e espaços que frequenta, das relações entre as pessoas e do que vê ao seu redor que o indivíduo realizará posteriormente outras leituras.

Para Silva (1981), a leitura é um processo de decodificação dos símbolos, pesquisas que envolvem a leitura se concentram em três grupos: pesquisas que consideram a leitura como resultado de percepções, através da forma das palavras e de seus significados; pesquisas em que o ato de ler é considerado um processo de elaboração de significado ou de pensamento diante dos símbolos escritos; pesquisas que consideram a leitura como processo de percepção e compreensão do que está escrito para o falado (processo de decodificação do símbolo escrito, discriminação dos padrões de escrita e som, discriminação das correspondências grafema-fonema e compreensão).

Para o autor as questões que envolvem a compreensão, a interpretação e o significado na análise do discurso escrito o preocupam, são questões que estão abertas, não são discutidas e muito menos solucionadas. Compreender, para o autor, não é apenas um ato racional, também pode estar dirigido para o emocional.

A compreensão dá-se na concretude do homem, não na sua racionalidade. Dessa forma torna-se difícil, senão impossível, dizer onde é que a compreensão tem início. A melhor forma seria iniciar no próprio homem, como todos os seus aspectos humanos e que não são os aspectos racionais. A lógica por si só não é capaz de explicar a compreensão (SILVA, 1981, p.28).

Outro aspecto que o autor exhibe é a interpretação, que não é atribuir um significado para alguma coisa nua, simples e vaga.

Mas quando algo se situa diante de nós, como algo a ser interpretado, este algo já possui um envolvimento, um aspecto que foi desvelado na

nossa compreensão. É este envolvimento já existente que se mostra por meio da interpretação. Aquilo que é compreendido e que existe para nós e para o qual já existe até uma expectativa ou uma visão prévia, torna-se conceitual, ou possível de ser conceituado por meio da interpretação (SILVA, 1981, p.28).

A leitura, portanto, é uma forma de atribuição contínua de significados.

Dessa forma, o leitor seja ele a criança que inicia na alfabetização ou o adulto já na universidade está num contínuo de atribuição de significados, de expectativas de visão e de chegar à idealidade daquilo que está sendo mostrado pela cartilha ou pelos diferentes tipos de texto (SILVA, 1981, p. 30).

Para Smith (1999, p.107), a concepção de leitura vai além da decodificação, de entender os pensamentos do autor, “leitura é fazer perguntas ao texto escrito”, e ainda mais, com compreensão a leitura nada mais é que responder aquilo que foi perguntado.

É inútil procurar uma definição simples para leitura. Leitura não é uma palavra diferente de todas as outras palavras comuns de nossa língua, que possuem uma variedade de significados. E já que o significado das palavras vai depender muito do contexto em que elas ocorrem, não devemos esperar encontrar uma única definição para a palavra leitura, tampouco uma que jogue alguma luz sobre o seu mistério (SMITH, 1999, p.105).

Leffa (1996) nos traz uma definição geral de leitura como um processo de representação; que ler na sua essência é olhar para uma coisa e ver outra; que a leitura se dá por elementos da realidade, não por um acesso direto da realidade; que ler é reconhecer o mundo através de espelhos; mas, que a leitura verdadeira só acontece se o leitor tem conhecimento prévio de mundo. A leitura não se processa somente pela língua, mas também pelos sinais não linguísticos, se lê não apenas o texto escrito se lê o mundo ao nosso redor.

O mesmo autor também apresenta duas definições restritas de leitura, a primeira refere-se ao conceito de que ler é extrair o significado do texto, direção do texto para o leitor, ou seja, o texto tem um significado, o leitor precisa apreendê-lo mais integralmente possível para poder compreendê-lo. A segunda definição muda apenas o verbo extrair, para atribuir, formando o conceito de que ler é atribuir sentido ao texto, ou seja, o mesmo texto pode provocar em cada leitor ou mesmo em cada leitura, uma visão diferente da realidade. A leitura é um processo descendente do leitor para o texto, o leitor por sua vez irá utilizar de seu conhecimento prévio, de suas experiências para compreender o sentido do texto. Ler é interagir com o texto, ou seja, texto e leitor fazem parte de um processo interacional com objetivo de compreensão. O leitor, neste caso, necessita ter a intenção de ler, para suprir uma necessidade ou objetivo específico. O processo de leitura é individual, ou seja, cada indivíduo através de suas experiências e conhecimento prévio interpretará o texto de uma maneira.

Para Foucambert (1994) ler não é somente passar os olhos pelo texto escrito ou realizá-lo oralmente; ler faz com que sejamos questionados pelo mundo e por si mesmo as respostas são encontradas na escrita, no acesso à escrita. O ato de ler permite interrogar a escrita, sem a anulação de nenhum de seus aspectos. Ainda para o autor, a leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito, dividindo entre informações visuais, provenientes do texto e, a grande maioria, informações provenientes do leitor.

Koch e Elias (2012) especificam concepções com enfoques no autor, no texto e no leitor. As autoras afirmam que a língua como representação do pensamento irá corresponder à de sujeito com individualidade nas suas ações e suas vontades. Assim o texto é visto como um produto do pensamento, e o leitor poderá “captar” essa representação mental.

A leitura, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sociocognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções (KOCH; ELIAS, 2012, p.10).

Com enfoque no texto, as autoras dizem que na concepção de língua como código, instrumento de comunicação e do sujeito já predeterminado, o texto na verdade será um produto do emissor, codificação, e passa a ser decodificado pelo leitor, utilizando os conhecimentos relacionados ao código. A leitura então para o leitor necessita ter foco no texto. Nessa concepção o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto precisam ser dominadas pelo leitor. Nas suas concepções o leitor passa pela atividade de reconhecimento, reprodução.

Na concepção com foco na interação autor-texto-leitor, acontece algo diferente, na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são ativos, ou seja, construtores sociais constroem e são construídos no texto. O sentido do texto é desenvolvido pela interação que ocorre entre autor-texto-leitor.

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS, 2012, p.11).

Buscamos em Allende e Condemarín (2005) para expor quanto a principal meta da leitura, que é a compreensão ou habilidade para entender a linguagem escrita. Os leitores devem estabelecer relações entre os seus conhecimentos prévios e a nova informação que o texto lhes dá. Ressalta-se que é de grande importância saber que a compreensão do texto é individual.

Segundo os autores acima, para compreender textos escritos há alguns fatores importantes: os derivados do emissor (autor), em que seria muito útil saber os códigos que o autor usa durante o seu texto; conhecimento dos esquemas cognitivos do autor, pois cada pessoa conhece algo de acordo com seus esquemas cognitivos, e quando autor e leitor dominam os mesmos esquemas há compreensão leitora; conhecimento do patrimônio cultural do autor, pois a compreensão de um texto pode depender disso; conhecimento das circunstâncias da escrita, importante saber como e quando o texto foi escrito.

Há também os fatores da compreensão da leitura derivados do texto: legibilidade física, que inclui fatores físicos, materiais e sensoriais

de um texto; legibilidade linguística, oração, frases, palavras; compreensão de textos e linguística textual, características textuais, partes e suas relações; elementos da estrutura textual, os extratos, intratextuais, entre outros.

Existem os fatores derivados dos conteúdos dos textos, pois isto pode ajudar ou dificultar a compreensão do texto, se não há um vazio entre o tema do texto e os conhecimentos do leitor.

Muito importantes, também, são os fatores provenientes do leitor, dentre eles estão: os códigos do leitor, pois quanto maior for o grau de domínio do código linguístico por parte do leitor, melhor será sua compreensão do texto; os esquemas cognitivos do leitor, pois este necessita utilizar de seus próprios conhecimentos para dar sentido ao que o autor escreveu; o patrimônio cultural do leitor, o conhecimento dele interagindo com os conhecimentos do texto; os interesses e os valores do leitor, se não interessar, a compreensão fica mais difícil.

Segundo Kleiman (2009), para compreender um texto o leitor necessita do conhecimento que ele já possui, adquirido durante a sua vida, ou seja, o conhecimento prévio. Através de diversos níveis de conhecimento, como o linguístico, textual e de mundo é que o leitor consegue dar sentido ao que está lendo. A interação entre estes conhecimentos faz com que a leitura seja considerada um processo interativo.

O conhecimento linguístico é um dos componentes do conhecimento prévio indispensável para a compreensão da leitura, e se refere ao uso adequado da língua, do vocabulário e também das regras. Outro componente do conhecimento prévio é o conhecimento textual, aquele em que se utilizam vários tipos de texto e formas de discurso. Para classificar um texto podemos recorrer às estruturas textuais, como: a narrativa, caracterizada pela marcação temporal cronológica, introdução de personagens, lugar, cenário em que os fatos acontecem; a expositiva, voltada para as ideias, tema; e a descrição, pesando mais as informações, características de algo determinado.

Também faz parte do conhecimento prévio o conhecimento de mundo, este é tudo o que o leitor pode ter através de suas relações, com as pessoas, em sociedade, das suas experiências desde a infância. Para o leitor compreender um texto é essencial que ele ative seu conhecimento prévio. Através dele o leitor conseguirá assimilar melhor as informações do texto e percorrer o mesmo caminho que o autor percorreu.

Para Kleiman (1998) é importante ressaltar a individualidade na leitura e aspectos determinados pelo leitor através de seus objetivos e

propósitos. Para compreender um texto, construir sentido, o leitor irá buscar coerência do texto, princípio que segundo a autora rege a atividade de leitura e também outras atividades humanas. Para nos ajudar nesta busca precisamos de engajamento e ativação do nosso conhecimento prévio.

A autora nos traz que, quando temos um objetivo para uma tarefa conseguimos melhorar nossa capacidade de processamento e de memória. Um objetivo pré-determinado faz-nos conduzir a leitura de uma determinada maneira, ou seja, pode-se ler um jornal, um artigo científico, um romance, que tendo objetivos, conseguimos chegar à compreensão do texto. Ela lembra que não há apenas um processo de compreensão de texto, mas vários, depende de quantos forem os objetivos do leitor.

A capacidade de estabelecer objetivos na leitura é considerada uma estratégia metacognitiva, ou seja, quando o leitor tem controle do próprio conhecimento. Através destas estratégias o leitor pode realizar uma reflexão sobre o próprio conhecimento.

Os objetivos também são importantes para a formulação de hipóteses, pois o leitor durante a construção do sentido elabora hipóteses e as testa conforme faz a leitura. Para compreender um texto, estabelecer objetivos e formular hipóteses são relevantes, pois sem estes elementos o leitor realizará apenas uma leitura superficial, não conseguirá chegar ao final com um sentido e significado do texto.

Na escola nos deparamos com várias situações, dentre elas os alunos não gostam de ler, pois, segundo Kleiman (1998), o que é difícil demais ou que não se consiga extrair sentido ninguém gosta de fazer. Por isso a leitura, na maioria dos casos, é considerada difícil. O momento de leitura não acontece no aconchego do lar, como uma forma de sonhar, viajar, mas ao contrário, ela vem da cópia maçante.

Alliende e Condemarím (2005) contribuem também nos trazendo tipos de leitura, começamos com a leitura emergente, que inclui diversas atividades para que a criança se envolva com o mundo letrado, inicia-se mesmo antes de entrar na escola, aprendendo com experiências cotidianas. Uma vez que se caracteriza como uma preparação não possui uma sequência fixa de aprendizagem.

Há vários fatores que envolvem o aprender a ler, alguns são físicos e fisiológicos, como: a idade cronológica, que pode influenciar, mas não é uma regra fixa que a criança precisa aprender a ler com seis anos de idade; gênero, cujas meninas aprendem mais rápido pelo fato de

evolúrem mais rápido; aspectos sensoriais, quando dificuldades visuais e auditivas alteram a percepção das palavras escritas ou faladas.

Os fatores sociais, emocionais e culturais também influenciam a aprendizagem da leitura, dentre eles estão: maturidade emocional e social, quando as crianças conseguem resolver problemas com independência não necessitam de uma maior atenção por parte dos adultos; e os fatores socioeconômicos e culturais, cujas famílias e comunidade determinam o nível de estimulação linguística, assim como os sentimentos de autoestima e segurança.

Há também fatores perceptivos, como: a percepção visual, quando a criança consegue identificar tamanho, forma, cor; discriminação visual, a criança pode ver claramente, mas ao mesmo tempo têm dificuldades para perceber diferenças e semelhanças das formas visuais; habilidade viso motora, a criança pode ter ou não a habilidade de copiar ou reproduzir formas visuais e desenvolver sua coordenação motora fina.

Outros fatores importantes para esta preparação de aprendizagem são os fatores cognitivos. Esses configuram a inteligência e as habilidades mentais específicas, como a atenção e a memória, que são pré-requisitos nesse processo, pois só aprende o que foi objeto de atenção e que depois foi memorizado. Há também os fatores linguísticos, que são de grande importância ao aprender a ler, pois a criança que possui uma bagagem linguística aumenta as possibilidades e as facilidades de aprender a ler.

A criança quanto mais cedo for inserida no mundo letrado, melhores estímulos vindos dos pais, professores, da família em geral, auxiliam na sua aprendizagem linguística escrita e oral. Atividades lúdicas, jogos, músicas, histórias contadas, também são relevantes para o desenvolvimento do aprender a ler.

Para avaliar a leitura emergente há métodos que auxiliam, como: observação direta, quando as crianças dialogam, representam em brincadeiras, dão opiniões; e roteiros e fichas, quando as crianças respondem a perguntas para saber se interessam pela linguagem escrita e oral.

Outro tipo de leitura segundo Allende e Condemarín (2005) é a leitura inicial que se desenvolve principalmente durante o primeiro e o segundo ano do ensino fundamental e continuam no período da leitura emergente. Nesta etapa são desenvolvidas diversas habilidades específicas, especialmente referentes à aprendizagem dos fonemas.

Para alguns, a unidade linguística mínima está nos fonemas, já para outros está na oração ou frase, somente as estruturas gramaticais poderiam dar embasamento para a aprendizagem da leitura.

Para o desenvolvimento da leitura inicial, a criança necessita: do vocabulário visual, aprendendo através da televisão, computador, sinais de trânsito, entre outros; aprendizagem dos fônicos, a criança aprende a relação entre símbolos (letras) e os fonemas (sons constitutivos da fala); análise estrutural das palavras, raízes, prefixos, sufixos; utilização de chaves ou indícios contextuais, quando o aluno espontaneamente tenta identificar palavras desconhecidas a partir do sentido geral da oração, cujos principais são os verbais.

Após a fase inicial, temos a fase destinada a alcançar maior fluência e precisão, estendendo-se durante o restante dos três primeiros anos escolares. Nesta fase os alunos já manejam habilidades básicas e cabe ao professor oportunizar seus alunos a aproximação de textos e ao mesmo tempo introduzir habilidades mais avançadas. É o período que as crianças sejam capazes de ler de forma independente.

Para o desenvolvimento da leitura há duas dimensões da competência em leitura: a precisão, habilidade para reconhecer as palavras corretamente, reflete-se em conhecimento do código e compreensão do significado; fluência, habilidade para ler em voz alta corretamente, com entonações e pausas apropriadas, indicando que o leitor compreende o que está lendo.

Há sugestões metodológicas que auxiliam no desenvolvimento da leitura nas séries intermediárias: aperfeiçoamento das habilidades de reconhecimento de palavras, sendo que a meta é a da criança fazer uma leitura de forma independente; ampliação do vocabulário visual, os alunos devem ser estimulados a reconhecer e lembrar das palavras; análise fônica, a criança deve obter uma pronúncia adequada das palavras, pelo aperfeiçoamento das habilidades da análise fônica; e a análise estrutural das palavras, quando a criança reconhece as partes de uma palavra, como a raiz e o prefixo.

A leitura deve ser praticada, os estudantes necessitam de modelos positivos, de bons leitores, a seleção de leituras deve ser de interesse dos estudantes e eles devem dispor de um tempo para desenvolver esta atividade sem interrupções.

Informação há em qualquer texto, seja ele de entretenimento, jornal, livro, na internet, textos sobre esportes, ginástica etc. Os alunos muitas vezes se deparam com textos que precisam de algumas

estratégias para se chegar à compreensão. Os textos de estudo normalmente precisam de um pouco mais de atenção, pois os alunos podem não ter conhecimento prévio sobre determinado assunto; eles mais informam do que entretêm, são estruturados de uma forma mais complexa.

Segundo os mesmos autores Alliende e Condemarín (2005), para que os alunos sejam eficientes na leitura de todas as áreas de estudo necessitam, de forma prévia, certas habilidades de leitura, organização e registro da informação. Estas habilidades podem ser classificadas como: revisão preliminar (o leitor faz uma análise superficial do texto, se o conteúdo é importante, e decide lê-lo); leitura seletiva espontânea (além de encontrar o conteúdo relevante, também os detalhes que justificam sua importância); seletiva indagatória (encontra-se de forma rápida uma informação, sem a necessidade de ter que ler a página ou texto completo); organização e registro da informação (o aluno precisa sintetizar, esquematizar e até elaborar gráficos dos conhecimentos adquiridos).

Para que os alunos compreendam os textos de estudo, alguns passos podem auxiliá-los: ativar seus esquemas cognitivos, relacionando o conteúdo com suas experiências; estimulá-los pela leitura silenciosa, fazer com que os próprios alunos façam perguntas e encontrem as respostas no texto; estimulá-los a discussão dos conhecimentos obtidos.

Existem também habilidades que os alunos precisam adquirir em relação à localização eficiente das informações, como o manejo dos dicionários, índices, tabelas de conteúdos, livros de referência, uso das bibliotecas e a utilização da tecnologia digital. No processo do ler para aprender os alunos que utilizam destes meios, conseguem facilidades para apreensão de informações até mesmo posteriores.

Compreendemos que estes fatores poderiam auxiliar na formação de professores, pois os estudantes no ensino superior, principalmente nas licenciaturas, se deparam com textos estudos apresentando linguagem mais complexa e encontram dificuldades de compreensão.

Os autores Alliende e Condemarín (2005), também trazem a leitura de entretenimento definida como voluntária ou independente, ou seja, os leitores escolhem o que vão ler, em horários e tempos estipulados por eles mesmos, e normalmente são realizadas pelo interesse ao conteúdo. A participação da família também é importante, pois o incentivo, a ajuda e a motivação, podem influenciar nos momentos de leitura das crianças e na compreensão leitora.

Por fim, os autores Allende e Condemarím (2005) trazem o papel da literatura no desenvolvimento da leitura, pois é de grande importância que as crianças tenham acesso aos textos também literários, consigam lê-los e compreendê-los. Normalmente quando crianças os leitores procuram contos, fábulas e outras histórias infantis, estas servem como ferramenta de apropriação de outros conhecimentos. Outras características interessantes que os autores trazem, relaciona-se a literatura como mobilizadora da imaginação e criatividade dos estudantes; e como aperfeiçoamento das emoções e da afetividade.

O ensino de leitura está ligado com a literatura, pois segundo os autores um dos objetivos deste ensino é permitir que os alunos tenham acesso a obras literárias. Estas são capazes de se referir a todo o tipo de realidade de uma forma criativa, um lado “poético”, que as outras obras não possuem.

A seguir discutiremos quanto ao objeto de estudo da Educação Física, a cultura corporal, iniciando com a constituição das teorias pedagógicas, para entendermos como chegamos à cultura corporal como foco de estudo da área.

2.3 OBJETO DE ESTUDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física é uma área do conhecimento que com o passar dos anos foi se constituindo devido às necessidades que o meio social demandava. Para que atualmente seja reconhecida e considerada importante para os indivíduos, alguns estudiosos criaram alternativas teórico-metodológicas. Nesse capítulo verificaremos “caminhos” que a Educação Física percorreu em alguns períodos até chegar ao processo pedagógico que se encontra.

2.3.1 Constituição das teorias pedagógicas

Um dos processos pedagógicos pertencentes à história da Educação Física foi a constituição das teorias pedagógicas, cujo corpo e educação corporal eram vistos de forma diferente (BRACHT, 1999).

Nos séculos XVIII e XIX, a constituição das teorias pedagógicas da Educação Física sofreu grande influência da instituição militar e da medicina. O corpo passou a ser fundamentado pelas ciências biológicas e igualado a uma estrutura mecânica, como se não pensasse, e sim pensado pela ciência.

A despeito da crítica ao “paradigma da aptidão física e esportiva” nos anos 1980, a Educação Física possuía uma grande importância para o projeto dos militares, estava ligada ao desenvolvimento da aptidão física e do desporto, importante para a capacidade de produção da classe trabalhadora e pela contribuição para confirmação do Brasil como potência (desenvolvido). A área da Educação Física era fundamentada pelas ciências naturais, principalmente pela Biologia e falava-se daquela como contribuição para o desenvolvimento da aptidão física e esportiva.

As ciências sociais e humanas na área da Educação Física permitiram o surgimento de uma análise crítica do paradigma da aptidão física, encontrado na década de 1980 no movimento renovador da Educação Física brasileira.

Já a Abordagem Desenvolvimentista, propostas por Go Tani e Edison de Jesus Manoel, tem por ideia central oferecer à criança oportunidades de experiências de movimento, o que garantiria o seu desenvolvimento normal. Sua base teórica é a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

Sobre a Abordagem Desenvolvimentista, Darido (1998, p.59) nos explicita que:

A Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação entre o aumento da diversificação e a complexidade dos movimentos. Assim, o principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimento adequadas ao nível de crescimento e desenvolvimento, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada. A criança deve aprender a se movimentar para adapta-se às demandas e exigências do cotidiano em termos de desafios.

Nos anos 1970 e 1980 a educação psicomotora exerceu grande influência na Educação Física, sendo que o movimento passa a ser um mero instrumento, o papel da Educação Física fica subordinado a outras disciplinas escolares, sem nenhuma especificidade.

Outra proposta bem próxima à abordagem Desenvolvimentista e Psicomotora é a Construtivista-Interacionista de João Batista Freire, basicamente fundamentada pela psicologia do desenvolvimento. Para Freire, a importância da Educação Física na escola é considerar o conhecimento que a criança já possui, independente da situação formal de ensino. O conteúdo jogo tem papel privilegiado nessa abordagem,

“pois é considerado o principal modo de ensinar, é um instrumento pedagógico, um meio de ensino, pois enquanto joga ou brinca a criança aprende [...]” (DARIDO, 1998, p.61).

Na década de 1980 surgem na Educação Física uma corrente chamada de progressista ou crítica, com a intenção de modificar a escola da sociedade capitalista. A sociedade capitalista apresenta a classe proprietária, com interesse voltado às necessidades de acumular riquezas, terem mais renda, consumir mais, diferentemente da classe trabalhadora que visa às necessidades de sobrevivência, ao salário, a luta pelo emprego, entre outras questões sociais. Entre os conflitos das diferenças e a crise surgem então as teorias progressistas, apresentadas por diferentes pesquisadores. Uma delas foi intitulada Crítico-Superadora apresentada por um Coletivo de Autores, no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física*. Outra intitulada Crítico-Emancipatória, formulada pelo professor Elenor Kunz, principalmente na obra *Transformação didático-pedagógica do Esporte*.

Concordamos com Bracht (1999) quando nos diz que as propostas pedagógicas progressistas da Educação Física encontram desafios que vão desde a sua implementação no ambiente escolar como prática pedagógica, até questões mais teóricas como as suas bases epistemológicas, portanto, enfrentando desafios já no seu cerne, na sua constituição.

Outro desafio é ainda é tornar a Educação Física legítima no campo pedagógico como qualquer outra disciplina. A perspectiva progressista considera a Educação Física para além da aptidão física e esportiva (BRACHT, 1999).

Outro desafio a ser enfrentado segundo a perspectiva progressista é legitimar a Educação Física escolar. Vê-se na atualidade que a iniciação esportiva independe da Educação física escolar, pois há um “crescimento da oferta e do consumo dos serviços ligados às práticas corporais fora do âmbito da escola e do sistema tradicional do esporte como as escolas de natação, academias, escolinhas [...], judô, voleibol” (BRACHT, 1999, p.82).

Segundo Bracht (1999) embora seja um desafio legitimar a Educação Física, isso é possível uma vez que cultura corporal tem ganhado espaço no cotidiano das pessoas. É função da escola reproduzir a cultura corporal para que o aluno se aproprie dela de maneira crítica desenvolvendo, portanto, sua cidadania.

Segundo Bracht (1999), uma das teorias que mais tiveram expressão no contexto da Educação Física brasileira foi a Crítico-Superadora. Ademais é a que se articula com a perspectiva de leitura com a qual compactuamos nesse estudo. Por isso a abordaremos mais detalhadamente a seguir.

2.3.2 Concepção Crítico-Superadora

A concepção Crítico-Superadora baseia-se na Pedagogia Histórico-Crítica de Demerval Saviani em consonância com a Perspectiva Histórico-Cultural e aponta como objeto de estudo da Educação Física escolar a cultura corporal. O estudo advindo deste conhecimento nos permite apreender a expressão corporal como linguagem.

Compreendemos que por ser uma concepção crítica, cujas bases norteadoras são da Perspectiva Histórico-Cultural de Vigotski, a concepção Crítico-Superadora se faz relevante para o presente estudo, pois o indivíduo apreende conhecimento por meio das vivências no meio em que vive, mas isso não basta para que possa compreender – realizar leitura de mundo – com o que se passa no imediato de sua experiência, pois ficaria no nível do sentido pessoal.

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, idéias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de “significações objetivas”. Em face delas, ele desenvolve um “sentido pessoal” que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.62).

As apropriações das “significações objetivas” é que permite e orienta a leitura que os indivíduos fazem do mundo que os cerca. É nesse aspecto que ao discorrer sobre a concepção Crítico-Superadora, procuramos expor as possíveis implicações que possui com a formação dos licenciandos em Educação Física. No curso em que os licenciandos frequentam, as concepções críticas são indicadas como norteadoras do processo ensino-aprendizagem no Projeto Pedagógico do Curso-PPC. Ou seja, é com base nelas que as aulas de Educação Física devem ser

estudadas, planejadas e executadas. A perspectiva Crítico-Superadora é uma das concepções indicadas pelo PPC.

Conforme o Coletivo de Autores (1992), a dança, a ginástica, o jogo e o esporte são temas de atividades expressivas corporais na prática pedagógica da Educação Física escolar que compõem a cultura corporal. Segundo os autores, os temas da cultura corporal expressam um sentido/significado se interpenetrando na dialética intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade.

Para Frizzo (2013), os objetos de estudo da Educação Física permeiam três perspectivas: movimento humano, cultura corporal de movimento e cultura corporal. Vamos fazer uso da perspectiva “cultura corporal” que, segundo o autor, são fenômenos materiais produzidos pela humanidade, sendo que o movimento é uma das propriedades fundamentais destas manifestações.

Para o autor, ao entender a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física necessitamos ter conhecimento da categoria da atividade, diferença não existente implicitamente nas perspectivas idealistas.

A categoria atividade humana, chamada categoria porque é uma explicação do que o homem faz, indica que o homem não se move, não se mexe à toa, não podemos falar do movimento do homem, da vida do movimento do homem, isto é um equívoco porque o homem não se mexe, ele “age”. É diferente agir do que se mexer: atividade e movimento são conceitos diferentes (ESCOBAR, in FRIZZO, 2013, p.199).

É nesse entendimento que o Coletivo de Autores (1992) refere-se à prática pedagógica. Os professores, segundo os autores sempre agem – consciente ou inconscientemente – a partir de determinada leitura de mundo, que orienta seu agir. Se quisermos uma atuação na perspectiva de defesa dos interesses sociais da classe trabalhadora, acrescentam os autores com base em Souza (1987), os docentes precisam tomar ciência desse direcionamento, e isto é possível com a reflexão pedagógica realizada em base a três características: a diagnóstica, a judicativa e a teleológica. A primeira diz respeito à interpretação da leitura e da realidade. A segunda refere-se ao julgamento baseado em uma ética de

uma dada classe social. Já a terceira busca um direcionamento, algo em que se almeja chegar.

O Coletivo de Autores ainda chamam a atenção para a função social da Educação Física escolar através da concepção de currículo escolar arraigado no projeto político-pedagógico. Os autores complementam ainda que

[...] o objeto de currículo é a reflexão do aluno. A escola não desenvolve o conhecimento científico. Ela se apropria dele, dando-lhe um tratamento metodológico de modo a facilitar a sua apreensão pelo aluno. O que a escola desenvolve é a reflexão do aluno sobre esse conhecimento, sua capacidade intelectual. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.27).

Atrelados ao conhecimento, segundo a perspectiva dos autores, existem seis tipos de princípios curriculares pelos quais os conteúdos são selecionados, sistematizados e organizados. São eles:

- Relevância social do conteúdo: a reflexão pedagógica escolar tem significado quando aluno tem a compreensão de seu meio enquanto ser social.

- Contemporaneidade do conteúdo: proporcionar ao aluno conteúdos atuais, modernos sejam eles nacionais ou mundiais acompanhando o avanço técnico e científico das diversas áreas de conhecimento;

- Adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno: ao selecionar os conteúdos deve-se levar em consideração tanto a prática social do aluno quanto sua capacidade cognitiva e ainda seus conhecimentos prévios.

- Simultaneidade enquanto dados da realidade: proporcionar ao aluno conteúdos de forma simultânea, não isoladamente, enquanto 'leitura' da realidade.

- Espiralidade da incorporação das referências do pensamento: abrange a compreensão das variadas maneiras de se organizar as referências do pensamento a respeito do conhecimento que o aluno possui. Ele pode desta forma, ampliar essas referências;

- Provisoriedade do conhecimento: A sistematização e organização dos conteúdos rompem a ideia de terminalidade. O aluno deve compreender que cada passagem histórica da humanidade guarda suas singularidades como produção científica e humana, por exemplo.

Os autores propõem também que os conteúdos sejam tratados por ciclos de escolarização e não pela perspectiva de seriação, como comumente se organiza a escola. Nesses ciclos os conteúdos são tratados de forma simultânea, com ampliação do pensamento do aluno em espiral. Os dados da realidade devem ser constatados pelo aluno, interpretados, compreendidos e explicados.

O primeiro ciclo vai da pré-escola até o quarto ano. É denominado organização da identidade dos dados da realidade. Aqui o aluno começa a perceber as semelhanças e diferenças entre objetos conseguindo, portanto, fazer associações (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O segundo ciclo compreende o período do quinto ao sétimo ano, denominado de ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento. Neste ciclo o aluno começa a refletir sobre seus pensamentos e sobre a sua realidade tendo consciência, portanto, da sua atividade mental (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O terceiro ciclo corresponde o oitavo e nono anos, chamado ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento. É neste ciclo em que há a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico por parte do aluno (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O quarto ciclo compreende os três anos do Ensino Médio. Recebe o nome de ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento, em que “o aluno adquire uma relação especial com o objeto, que lhe permite refletir sobre ele” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.35).

Para o aluno chegar a esse estágio indicado no quarto ciclo, o professor precisa orientar sua atividade pedagógica pela leitura da cultura corporal articulada com as condições sociais de sua constituição. Por isso a leitura adquire relevância na sua formação enquanto docente.

No capítulo a seguir apresentaremos a análise das respostas advindas dos licenciandos por meio da entrevista semi-estruturada, instrumento de coleta de dados escolhido para este estudo.

3 LEITURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo apresentaremos a análise dos dados coletados no estudo. Apresentação desta foi organizada pelas três temáticas centrais que apareceram na expressão dos licenciandos: a compreensão de leitura; como a leitura está inserida no curso de formação dos licenciandos e os elementos do curso de formação que levam os acadêmicos à prática leitora.

Na primeira temática trataremos da compreensão que os licenciandos têm sobre a leitura. Identificamos que as respostas se voltaram para a leitura como aquisição de conhecimento; ato de ler; decifração de códigos, gostar do que se está lendo; leitura como hábito e leitura como referência da escrita. Em relação à aquisição de conhecimento exemplificamos com a fala do licenciando 1: “Leitura é toda forma que tu utilizas para adquirir conhecimento “indiferente” se for livro, jornal ou revista. Tudo que tu fores ler, por exemplo, um jornal, tu vais estar adquirindo conhecimento que está acontecendo na sociedade ou naquela comunidade, naquele dia”. Segundo o licenciando 3, “Leitura é o ato de ler [...]”, assim como pensa o licenciando 5: “Na verdade pra mim leitura seria “tu ler” [...]”. O licenciando 3 ainda complementa: “[...] A criança começa a entender os códigos que estão nos livros [...]”. O gosto e o hábito pela leitura vemos nos depoimentos dos licenciandos 5 e 9, respectivamente: “[...] a leitura teria que ser feita porque a pessoa gosta e não por estar sendo obrigada”; “Eu acho que tem que gostar. Se for uma leitura forçada não vale a pena. Leitura é um hábito”. A leitura como referência da escrita percebemos quando o licenciando 2 diz: “É a base referencial que a gente tem para poder argumentar quando a gente vai escrever algo”.

Assim podemos compreender com as respostas dos licenciandos que a leitura é um processo cujo leitor se depara com informações que o autor revela durante o texto. Cabe ao leitor buscar possibilidades, como exemplo seu conhecimento prévio, para percorrer o mesmo caminho do autor, e assim chegar a compreensão. Dessa maneira, se a leitura foi significativa, o leitor irá de alguma forma apreender algum tipo de conhecimento. Isto está relacionado com o que a maioria dos licenciandos relatou, leitura é um processo para aquisição de conhecimento. Podemos constatar que em nenhum momento os licenciandos referenciaram a leitura do corpo, ou seja, as diversas expressões da cultura corporal, objeto de estudo da área de Educação

Física, como uma forma também de apreender conhecimentos. Entendemos que os licenciandos não compreendem que a leitura não está somente no texto escrito, mas que pode estar também nas manifestações do corpo, e em tudo que está em nosso meio social. De acordo com a concepção de leitura dos licenciandos, Vargas (1993, p. 33), acrescenta que “ler é colher conhecimento, é um ato criador, pois obriga a redimensionar o que está estabelecido, introduzindo um mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que nos cerca.” Ou seja, por meio da leitura, os indivíduos podem mudar seu pensar e agir no meio em que vivem. Silva (2009), cita em relação a leitura como ato de decifrar códigos e sinais que:

Até pouco tempo, pensava-se que a alfabetização resumia-se a isso: transformar os sinais pretos sobre a folha branca em sons identificáveis a palavras. Habilidades semelhante é a de “saber ler” outras linguagens que não a do alfabeto [...]. Isso é leitura? Sem dúvida, mas é o seu nível mais elementar, e não é esse tipo de leitura que temos em mente quando pensamos em leitura [...] (SILVA, 2009, p.23).

Quanto ao gosto pela leitura, Britto (2012, p.10), fala que:

Certamente, o gosto faz parte da leitura e das escolhas do sujeito. Mas, aqui também, não como sustentar a ideia que o hábito ou a qualidade da leitura resulta do gosto; o gosto é expressão das formas de ser e do nível de consciência e de conhecimento da pessoa; o gosto se aprende e se forma. Por isso é tão necessária a inversão dos fatores: é a experiência da leitura, principalmente a experiência diversificada e intensa, que contribui na formação do gosto.

A respeito de a leitura ser considerada um hábito pelos entrevistados, concordamos com Britto (2012) ao relatar que o hábito de ler faz com que o indivíduo participe da sociedade com dinamismo.

Sobre a relação leitura e escrita, citada pelos entrevistados, temos como exemplo a fala a seguir de um deles: “leitura é a base referencial que a gente tem para poder argumentar quando a gente vai escrever algo”. Allende e Condemarín (2005) acreditam que seja a principal

meta da leitura, a compreensão ou habilidade para entender a linguagem escrita.

Quanto à temática de como a leitura está inserida no curso de formação dos licenciandos, identificamos alguns fatores que influenciam nesse processo. São eles: as leituras obrigatórias das disciplinas, leituras para a construção do TCC, as leituras para os estágios e relatórios dos mesmos, sendo a maioria dessas leituras fragmentadas em capítulos, apostilas fotocopiadas: poucas obras, livros inteiros. Ainda conforme o relato dos entrevistados nessas leituras eles encontraram mais dificuldades do que facilidades. Percebemos as maiores dificuldades em relação às teorias pedagógicas da área de Educação Física, bases norteadoras para o ensino nas escolas que discutiremos mais adiante.

Em relação a inserção das leituras obrigatórias no processo de formação, percebemos que os licenciandos realmente procuravam em sua maioria as leituras que as disciplinas do curso solicitavam, nos mostrando que era pouco o interesse deles pela prática da leitura para além destes momentos. Exemplificamos o escrito acima na opinião do licenciando 5: “Aqui na faculdade, a gente lê bastante mas são coisas obrigatórias, então não chega a ser tão prazeroso”. Segundo o licenciando 2: “É que não tenho muito costume de ler. Até gostaria. Então, eu fiz só aquilo [leituras] que era meio que obrigado pelo curso. E na fala do licenciando 1: “Durante o curso eu só lia o que era exigido, não tinha algo que me chamasse muita atenção para ler”.

Em relação a esta constatação, podemos observar também em Tourinho (2011, p.326), quando analisa a condição da leitura entre estudantes universitários:

[...] o atual estudante de nível universitário no país, em sua maioria, despreza a leitura como fonte de entretenimento, informação e crescimento pessoal, limitando-se, na maior parte das ocasiões, a apenas ler aquilo que é obrigado por necessidade das disciplinas cursadas, como atividades, apostilas e livros passados pelos professores. Ou seja, mesmo dominando os rudimentos da leitura e da escrita, e sendo capazes de entender um texto de forma razoável, possuindo um nível de escolarização acima da média, essas pessoas não se sentem bem em praticar a leitura [...].

Outra questão que nos chama a atenção é que a leitura, segundo os entrevistados, apresentou-se em forma de fragmentos de várias obras.

Foram poucos os licenciandos que citaram terem lido obras inteiras. A maioria fotocopiava capítulos, trechos de livros. Vemos este cenário quando o licenciando 5 fala que “Alguns eram só as apostilas. Mas teve um das concepções, porém não a gente não leu todo, os professores só deram alguns capítulos para ler [...]”. Ou quando licenciando 2 afirma que “Seria [lia] mais as partes que eu precisava”. Ou ainda quando o licenciando 1 informa que leu apenas um livro inteiro durante todo o seu curso de formação: “Livro inteiro foi um. Mas, tiveram vários artigos, capítulos de livros não sei precisar quantos”.

Tourinho (2011) relata uma inquietação em relação à essa leitura fragmentada em algumas instituições de ensino superior, pois o próprio desenvolvimento pedagógico não aproxima o aluno e a leitura. Ainda complementa que são raros momentos em que há debates de obras inteiras, oportunizando a disseminação de fotocópias de trechos ou capítulos de obras. Normalmente muitos acadêmicos não se preparam nem para as aulas que necessitam de uma leitura prévia.

Todavia, alguns licenciandos realizaram leituras por interesse próprio. Dentre eles, o licenciando 1 relata ter realizado leituras obrigatórias até a sétima fase, penúltima fase do curso, então a partir deste período devido ao ingresso em um grupo de pesquisa e também ao TCC procurou realizar outras leituras, com outras temáticas: “A partir do momento em que eu entrei para o grupo de pesquisa comecei a estudar outras coisas. E quando na oitava fase eu comecei a estudar sobre o meu TCC, comecei a estudar sobre os assuntos, temática do meu trabalho”.

Aliás, o TCC é citado pela maioria dos licenciandos como sendo o momento em que eles realmente se interessaram por leituras para além da obrigação, utilizando termos como complementar e aprofundar. O licenciando 3 ainda citou: “Só a base que dão aqui no curso não é suficiente”. Ainda que as leituras complementares ou por interesse tenham ocorrido na disciplina do TCC nos chama a atenção que essa atitude não vinha desde o início do curso, foi tão somente na última fase. Além disso, relataram dificuldade na elaboração do artigo uma vez que não tinham o hábito de realizar leituras mais aprofundadas, específicas. Dificuldades essas que comentaremos a seguir.

Ainda na temática de inserção da leitura durante a formação dos entrevistados, notamos que os mesmos tiveram mais dificuldades do que facilidades na leituras realizadas. Apenas dois licenciandos afirmaram terem facilidades, o licenciando 3 expôs que “na verdade as leituras

complementam o que os professores passam aqui na instituição. O licenciando 7 afirmou: “Facilidade. Eu sempre gostei de ler, então, não tenho preocupação”.

A maioria dos licenciandos afirmou ter dificuldades nas leituras de estudo das disciplinas, na leitura para elaboração do TCC e nas leituras relacionadas aos estágios e às concepções pedagógicas da Educação Física. Em relação aos estágios um dos licenciandos relata: “Uma coisa é o que está escrito no livro e outra é a realidade vivida na escola, então eu tive dificuldades em relacionar”.

Os próprios entrevistados atribuíram a sua dificuldade de leitura à alguns fatores:

a) Ler muito pouco ou não ter o hábito da leitura. Como vemos no depoimento do licenciando 2: “À falta de leitura mesmo. Eu não tenho esse hábito e prazer de ler. Eu gostaria de ter, mas não tenho. Como a gente não tem, acaba não tendo facilidade de compreender aquilo está sendo passado”.

b) Leitura por *hobby* não acadêmica anterior à universidade. Assim como relata o licenciando 4: “Acredito que foi mais dificuldade porque eu lia mais como hobby e não como estudo, lia por lazer, livros que eram do meu gosto. Daí quando eu tive que atribuir algumas formas de leitura, não foram agradáveis pela forma de como era escrita ou às vezes não eram muito fáceis de identificar [...]”.

c) Leitura insuficiente e precária nos estudos antes do ingresso na faculdade. Segundo o licenciando 7: “[Mais dificuldades] No início da graduação, pelo fato de “tu” estar acostumado à leitura básica, e nas fases iniciais as leituras são mais críticas e aprofundadas”. O licenciando 1 também complementa: [Mais dificuldades] “Acredito que foi nas primeiras fases, até a terceira fase, até porque ao decorrer das minhas vivências na escola básica eu quase não lia. Então eu acredito que eu traga essas dificuldades disso”. E ainda o licenciando 8: “Porque antes de começar a faculdade, não tinha hábito de leitura”.

d) Realizarem somente leituras obrigatórias das disciplinas e não interessarem-se por autores de outras temáticas. Afirma o licenciando 5 que fazia “somente as leituras que eles mandavam. [Os professores] davam as apostilas e pediam para ler os livros das concepções que eles embasaram nos nossos estágios”. Ou ainda, exemplificamos nos dizeres do licenciando 7: “Sim [somente leituras obrigatórias], as complementares eu nunca cheguei a ler.

e) Não entenderem o contexto das obras. Assim como nos fala o licenciando 10: “Algumas [dificuldades] por não entender o contexto, e outras por não conseguir o que era preciso da leitura”.

f) Pela distância da realidade. Segundo o licenciando 5 a dificuldade consiste em “ [...] não conseguir identificar o que tinha no livro, pois parecia muito distante do que acontecia na realidade”.

g) Dificuldade de compreensão da linguagem. Como nos relata o licenciando 6: “ Eu entrei em mundo bem diferente, a dificuldade era de compreender a linguagem [...]”.

Em consonância com as dificuldades atribuídas pelos licenciandos, Tourinho (2011, p.338) acrescenta:

[...] a leitura dos universitários se processa como em um trabalho de garimpo. Os estudantes buscam com dificuldade o ponto focal dos textos, divagam, demoram a compreender o que leem, e muitas vezes se perdem entre tantos escritos, não porque sejam extensos, mas porque não conseguem dominar os rudimentos que conduziriam a um processamento inteligente e a uma separação consciente dos escritos das variadas disciplinas.

Em se tratando do período que mais obtiveram dificuldades os licenciandos afirmaram ter maior dificuldade com as leituras estudo no início do curso de graduação, durante as fases iniciais, em razão de ainda não estarem habituados com as leituras acadêmicas e no final do curso com a elaboração do TCC. O licenciando 2 afirma: “A oitava fase é difícil porque é onde a gente precisa mesmo do embasamento teórico para fazer o TCC, onde eu não tive isso nas fases de antes e isso acaba refletindo na oitava fase... a falta de leitura”.

Outro período de dificuldades de leitura citado pelos licenciandos é na quinta fase, no início dos estágios obrigatórios quando são abordadas as teorias pedagógicas da Educação Física. Como está evidenciado na fala do licenciando 1: “A Crítico-Emancipatória foi mais tranquila para entender. A outra, Superadora, eu tive mais dificuldade para entender sobre os assuntos”. Licenciando 4: “O mais agradável mesmo foi a Crítico-Emancipatória que eu achei um livro bem produtivo, bem claro, diferente do Coletivo de Autores que achei mais difícil, mais rígido de compreender. Tem que ler bastante vezes para se ter um entendimento”. O licenciando 1 alegou que os professores da

disciplina de Didática enfatizam mais a concepção Crítico-Emancipatória. “[...] como a gente faz o Estágio II baseado na Crítico-Emancipatória, a gente tem um maior tempo para entender. Já a Crítico-Superadora, não. Os professores que dão a disciplina de Didática, eles abordam mais a Crítico-Emancipatória devido ao próximo estágio ser dentro da Crítico-Emancipatória. Então, é uma breve pincelada sobre a Crítico-Superadora. E isso a gente só vai aprender com as próximas disciplinas. Daí só no próximo estágio é que o professor de estágio vai abordar a Crítico-Superadora, onde a gente já deveria ter assimilado aquela perspectiva”.

Houve, portanto, muitos relatos que eles obtiveram dificuldades na compreensão da concepção Crítico-Superadora. Isto merece muita atenção uma vez que os licenciandos precisam aprender sobre estas concepções pedagógicas, pois são essenciais para sua formação como professores. Assim podemos relacionar a leitura com as concepções pedagógicas da Educação Física, mesmo que estas não abordem a leitura em específico. Notamos que se não houve compreensão de uma das perspectivas, isto pode estar relacionado com a falta de leitura por parte dos licenciandos, como a maioria deles mesmos disseram quando falaram que a leitura é uma forma de adquirir conhecimento.

Na terceira temática abordamos os elementos do curso de formação que levam os acadêmicos à prática leitora. Constatamos de acordo com as entrevistas realizadas que são: algumas disciplinas, as estratégias de leitura, alguns momentos/fases do curso (primeiras, últimas fases e estágios) e as condições e ambientes para prática leitora como biblioteca e salas de estudo (ainda que pouco utilizados).

Em relação às disciplinas que auxiliaram na formação leitora dos licenciandos citadas por eles foram: Trabalho de conclusão de curso – TCC; Pesquisa em Educação Física; Psicologia da aprendizagem, Produção e Interpretação de Textos; Metodologia Científica e da Pesquisa; Didática; Estágios; Didática da Educação Física e Metodologia dos Esportes. Em contraponto apenas o licenciando 1 afirmou que quase nenhuma disciplina auxiliou, expôs que “foi em busca do TCC mesmo” que o auxiliou de alguma forma na sua formação leitora. Relatou também o grupo de pesquisa que participava, por ter leituras de diversos assuntos da educação, foi o que mais o auxiliou. Podemos verificar que as disciplinas de TCC e Didática da Educação Física são as que mais os licenciandos citaram. Na disciplina de TCC o acadêmico realiza um artigo, com tema escolhido por ele mesmo e é requisito básico para que o licenciando consiga o título de graduado,

momento em que a construção do trabalho deve ser individual e com auxílio do professor orientador. É neste momento em que o acadêmico realiza uma pesquisa e escreve de acordo com seus estudos e leituras sobre tal temática. Enfatizamos a fala do licenciando 1, quando afirma que o curso não auxiliou na sua formação leitora, preocupante resposta quando se trata de um futuro professor no mercado de trabalho. Nos PCN's (1998) o papel do professor como mediador do processo de ensino de leitura é muito importante, ele sendo um leitor proficiente se torna modelo aos seus alunos, que futuramente podem usar a leitura na sua vida e nas suas relações sociais.

Quando falamos em estratégias de leitura constatamos que o dicionário foi o recurso que os licenciandos mais recorreram para chegarem a compreensão de palavras, temas, significados das leituras feitas durante o curso. Alguns também relataram ter esclarecimentos com os professores do curso, e anotações das aulas, ou em livros. O licenciando 7 expôs: “Tenho alguns livros em casa e são todos riscados com o significado das palavras que tive dificuldade para entender, então quando não sei o significado de alguma palavra relaciono com o contexto dos livros e isso facilita a procura, apesar de não saber a página sei que está naquele livro”. Percebemos que os licenciandos buscam o significado das palavras para chegar a compreensão. Para Vygotsky (2000, p.104),

o significado [...] é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. [...] do ponto de vista da psicologia, o significado poderia ser visto como uma generalização ou um conceito. E como as generalizações ou os conceitos são inevitavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

Em relação a esta estratégia de leitura, o dicionário, Alves (2007, p.16) relata que?

[...] o fato de a maioria precisar utilizar o dicionário para melhorar sua leitura é uma atitude bastante compreensível, haja vista que a linguagem científica utilizada no universo acadêmico difere muito da utilizada nas outras etapas da vida.

Quanto ao uso do dicionário, Allende e Condemarín (2005) complementam que este tipo de estratégia quando rápida e eficiente, é uma habilidade básica de estudo, funcionando como um apoio à leitura e ao aprendizado. Dentre as funções desse recurso, os autores enfatizam que com o uso adequado aprende-se a selecionar o significado correto da palavra no contexto em que está sendo utilizada.

O dicionário deve ser sempre usado como um meio de encontrar significados ou para confirmar o significado que o próprio aluno tenha descoberto a partir do contexto ponto. Em nenhum momento ele deve ser usado mecanicamente ou como um pretexto para controlar e penalizar erros. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p.158).

Quanto às condições e espaços que os licenciandos tinham para leitura durante o curso, citaram a biblioteca da universidade, o centro acadêmico do curso, momentos de leitura nas aulas promovidos pelos professores. Vemos estes temas quando os licenciando falam: “Fui a biblioteca ou às vezes os professores davam oportunidade durante as aulas, por exemplo, um artigo ou capítulo para ser discutido na própria aula” (Licenciando 1). No discurso do licenciando 6: “Teve diversos professores que proporcionaram momentos para a gente ler e debater em sala de aula, mas em nenhum outro espaço”. Ou ainda, nos relatos dos licenciandos 5 e 9, respectivamente: “Aqui no bloco a gente tinha o C.A [...]”; “Que eu saiba só tem o C.A”.

Embora estas condições tenham os auxiliado no seu processo de leitura, eles mesmos relatam terem sido insuficientes devido a alguns fatores. Percebemos que devido ao período de trabalho durante o dia não conseguiam aproveitar melhor os espaços da universidade, procuravam ler em casa, nas folgas e nos fins de semana como constatamos na afirmação do licenciando 8: “A biblioteca de uma universidade do estado de Santa Catarina tem um acervo muito bom, mas tempo de leitura era pouco, pois tinha que conciliar o trabalho com a faculdade, então utilizava finais de semana e folgas. Aqui nesta universidade do estado de Santa Catarina em sala de aula era pouco”.

Segundo os licenciandos, outro fator que os incomoda, é o grande fluxo de pessoas na biblioteca e barulho. Porém, acreditamos nesse caso que seja por falta de interesse, pois a biblioteca tem espaço amplo e salas reservadas para estudo individual.

A frequência limitada dos licenciandos na biblioteca é também encontrada na pesquisa de Alves (2007), na formação de pedagogos, em

que os alunos pouco frequentam a biblioteca usando principalmente como fonte de pesquisa a internet. Complementa:

[...] a biblioteca ainda não é um espaço utilizado pelos alunos. Percebe-se que há por parte dos estudantes universitários dificuldades de desenvolver pesquisas nas bibliotecas e/ou leituras complementares que ultrapassam a ideia de que a biblioteca é apenas um lugar de passagem que estudantes universitários recorrem para empréstimos de livros. Acreditamos que não há uma cultura arraigada no estudante de realizar seus estudos e fazer suas pesquisas na biblioteca, além disso, o tempo de permanência da maioria dos nossos estudantes ainda é insuficiente (ALVES, 2007, p.15).

A nossa preocupação se volta novamente neste momento para a constatação de que os licenciandos não procuraram frequentar a biblioteca devido alguns fatores, dentre eles podemos destacar: o trabalho durante o dia, não tiveram estímulo ou talvez incentivo, não tinham o hábito da leitura, não buscavam leituras prazerosas e de seu interesse. Isso se reflete na formação leitora precária dos licenciandos.

Ao finalizarmos esta discussão verificamos o quão deficiente se encontra a formação leitora dos futuros professores, no caso, os licenciandos em Educação Física. Conforme as respostas e, logo, a análise, percebemos que a leitura ainda é uma temática, ou habilidade, digamos distante na formação dos entrevistados. No início do estudo indicamos que todos os professores, independente da área, necessitam serem leitores proficientes para poderem, em sua prática pedagógica terem a possibilidade de interferir na formação de seus alunos em relação à leitura com maior efetividade. Dada a situação que verificamos junto aos entrevistados, consideramos que esses futuros profissionais não têm uma aproximação necessária da leitura para que interfiram na formação de leitura de seus futuros alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo anterior discutimos as temáticas evidenciadas nas respostas dos licenciandos e com base nelas faremos as considerações finais a respeito da pesquisa. Com intuito de alcançar a problemática e os objetivos dessa pesquisa nos dispusemos em realizar uma entrevista com os licenciandos a fim de analisar como a leitura está inserida na sua formação. Nosso trabalho esteve amparado em dois questionamentos: qual a concepção de leitura dos licenciandos na formação final do curso? E quais vestígios do curso de formação levam os licenciandos ao processo de leitura?

Considerando as respostas dos licenciandos, a leitura se caracteriza para eles como:

- a) Aquisição de conhecimento;
- b) Ato de ler;
- c) Decifração de códigos;
- d) Gosto pela leitura;
- e) Leitura como hábito;
- f) Leitura como referência da escrita.

Verificamos que a leitura para eles é um meio de adquirir conhecimento sendo projetada em qualquer meio de comunicação, seja revista, jornal, livros ou até mesmo embalagens, rótulos de produtos. Para eles a leitura configura-se como informação e também um meio de manterem-se atualizados sobre variados assuntos sejam eles pertinentes à sua comunidade ou à sua futura profissão. Entendem ainda como decifração de códigos apreendidos na infância e vinculam a leitura à escrita e ao hábito no qual o indivíduo encontre prazer ao realizá-lo. O gosto pela leitura também é evidenciado como resultado da prática da mesma. Nesse aspecto, ressaltamos as dificuldades encontradas por eles por não gostarem de ler desde a sua formação escolar anterior ao ensino superior.

Em relação à forma pela qual a leitura estaria inserida na formação desses futuros profissionais, percebemos que em grande parte está sob a forma de textos obrigatórios, apostilas, cópias de trechos e capítulos de livros. A leitura por interesse em outros assuntos ou autores de temáticas para além da obrigação foram escassas ou nunca realizadas e, na maioria dos casos, os licenciandos manifestaram terem se dedicado à leitura somente no final do curso na disciplina de TCC.

Observamos também que as dificuldades encontradas pelos alunos eram maiores que as facilidades quando realizavam as leituras obrigatórias das disciplinas, dos estágios e para a realização do TCC. As razões para as dificuldades na leitura foram:

- a) Ler muito pouco ou não ter o hábito da leitura;
- b) Leitura por hobby não acadêmica anterior à universidade;
- c) Leitura insuficiente e precária nos estudos antes do ingresso na universidade;
- d) Realizarem somente leituras obrigatórias das disciplinas e não interessarem-se por autores de outras temáticas;
- e) Não entenderem o contexto das obras;
- f) Pela distância da realidade;
- g) Dificuldade de compreensão da linguagem.

Ainda em relação aos períodos em que eles mais encontraram dificuldades foram a quinta fase e o final do curso. Isso se relaciona com o fato de até então o Curso exigir pouco em termos de leitura, portanto, a não estarem familiarizados com leituras acadêmicas. Nesse período inicia as exigências dos Estágios obrigatórios em que deveriam relacionar teoria e prática e a compreensão das concepções pedagógicas da Educação Física. Em relação ao final do Curso, associa-se objetivamente com a elaboração do TCC.

Investigando o nosso segundo objetivo – quais seriam os elementos do curso que contribuíssem para o processo de leitura dos licenciandos – constatamos que ocorrem principalmente em algumas disciplinas. Consideramos que são poucas para a formação de um professor leitor. Além disso, também foi apontado que havia poucas estratégias no decorrer do Curso que levassem os alunos a desenvolverem-se como leitores. Algumas disciplinas não incentivaram a prática leitora. Frente às dificuldades, os alunos recorreram a algumas estratégias de leitura, sendo a mais utilizada o recurso do dicionário.

A prática leitora se volta apenas para alguns momentos/fases do curso (primeiras, últimas fases e estágios), e as condições e ambientes para prática leitora como biblioteca e salas de estudo foram pouco utilizados. Em relação às disciplinas que auxiliaram na formação leitora dos licenciandos, a maioria deles citou as disciplinas de TCC (oitava fase) e Didática da Educação Física (quinta fase). Ressaltamos que essas mesmas disciplinas também foram apontadas como geradoras de dificuldades pelos licenciandos. Sugerimos, então, que as leituras

consideradas de difícil compreensão também incentivam a prática leitora. Frente às dificuldades o leitor é instigado a buscar auxílio de ferramentas, estratégias de leitura, ele vai assimilando o conteúdo da leitura e seu conteúdo torna-se mais compreensível, portanto, apreenderá o objeto de estudo. Porém, se ele for incentivado e orientado nesse processo, sua formação leitora poderá ser ainda mais profícua.

Antes de finalizarmos estas considerações gostaríamos de apresentar algumas reflexões suscitadas no decorrer da elaboração desse estudo, mas que não tivemos condições de nos dedicarmos a esses temas nesse trabalho. São três questões que consideramos relevantes na formação de futuros professores de Educação Física. Primeiro, sempre escutamos o quão deficiente é a educação brasileira em relação à leitura. Somos o país de analfabetos, de alfabetizados funcionais e outros termos. É preocupante identificarmos com uma pesquisa a possibilidade de termos elementos indicadores dessa realidade no meio universitário, conforme expresso pelos próprios licenciandos. Acreditamos que se políticas públicas em educação realmente funcionassem e incentivassem a leitura poderia minimizar o déficit leitor dos nossos universitários.

Segundo, é inquietante pensar que alguns licenciandos saiam do curso de formação inicial sem compreenderem as concepções pedagógicas da Educação Física dadas as dificuldades de leitura e compreensão dos textos com que se defrontaram no processo de formação. Como serão estes futuros profissionais se não puderem transitar entre uma concepção e outra na orientação de atividade pedagógica?

Terceiro, é igualmente preocupante considerar que a maioria dos licenciandos somente se interessaram por leituras além das obrigatórias exatamente quando estavam terminando o curso. Vide a dificuldade deles na elaboração do TCC, já que não praticaram a leitura durante o curso.

Finalizando, ainda que alguns licenciandos afirmem terem intimidade com leitura e não terem dificuldades de compreensão durante o curso, a nossa preocupação se volta para o quão deficiente se encontra a formação leitora da maioria dos futuros professores de Educação Física. Isso pode ter se constituído, numa relação continuada desde sua formação básica, por não terem o hábito da leitura, não buscarem leituras prazerosas e de seu interesse, não frequentarem a biblioteca e não usufruírem de espaço e tempo para a prática leitora. Percebemos que a leitura ainda é uma temática ou habilidade, um tanto quanto distante na formação dos entrevistados.

Mesmo que muitas pessoas erroneamente pensem que a Educação Física envolva apenas a prática, o professor de Educação Física deve vir na contramão dessa ideia, uma vez que todos os professores independentemente da área em que atuem devem ser orientadores do processo de leitura, necessitam ser leitores proficientes para então incentivarem a leitura em seus alunos tanto na escola quanto nas suas vidas e relações pessoais.

Esperamos que esta pesquisa possa servir para outros estudos, inclusive no que diz respeito ao próprio curso em Educação Física, pois embora seja uma referência de ensino na região em que se situa, talvez se torne interessante repensar ou avaliar a leitura durante a formação dos acadêmicos, uma vez que os mesmos, em sua maioria, não têm interesse na leitura.

O desafio pode estar em quais formas, métodos, meios, ferramentas podem ser utilizados para incentivar o estudante universitário (ainda que de forma tardia) não somente a ler por obrigação, mas também entender a leitura como atividade transformadora e enriquecedora no que tange o social, o pessoal e o profissional de qualquer indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. **Leitura e universidade: comportamento de leitura na formação do pedagogo da UFPA. SIMPÓSIO Brasileiro de Política e Administração da Educação (23: 2007: Porto Alegre)**. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/227.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BEZERRA, Paulo. Prólogo do tradutor. In: VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. VIII-XIV.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto Ed., 2010.

BRACHT, Valter. **A Constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos Cedec, ano XIX, n. 48. p. 69-89, ago. 1999.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.58-66, set. 1998.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. Objeto de Estudo da Educação Física:: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento. **Motrivivência**, Florianópolis, v. , n. 40, p.192-206, jun. 2013.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 12. ed. Campinas: Pontes, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 6. ed. Campinas: Pontes, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LEFFA, Vilson J.. **Aspectos da leitura:** Uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra: Dc Luzzatto, 1996.

MACEDO, Roberta Lélis de; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza. Valoração da educação física: da produção acadêmica ao reconhecimento individual e social. *Pensar a Prática*, [S.l.], v. 2, p. 65-83, nov. 2006. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/150/2630>>. Acesso em: 12 dez 2014.

MANZINI, E. J. . **Entrevista semi-estruturada:** análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. Anais. Bauru: USC, 2004. v. 1. p. 1-10.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al (Org.). **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. 2. ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras**: Impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: Rhj, 2009. 216 p.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SMOLKA, Ana Luíza B.; GÓES, Maria Cecília R. (Org.). **A linguagem e o outro no espaço escolar**: Vygotsky e a construção do conhecimento. 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2010. 175 p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, João Francisco de. **Uma pedagogia da revolução**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias** : acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petropolis: Vozes, 2005.

TOURINHO, Cleber. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito?. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 325-346 , jul.-dez. 2011. ISSN 2237-1451. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/view/10966>. Acesso em: 12.11.2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: **A leitura na formação do licenciando em Educação Física**, que tem como objetivo: analisar como na visão dos acadêmicos, a leitura está inserida na formação de professores de Educação Física na fase inicial e na fase final do Curso de licenciatura.

Mesmo aceitando participar do estudo, poderá desistir a qualquer momento, bastando para isso informar sua decisão aos responsáveis. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o (a) senhor (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Declaramos que todos os riscos e eventuais prejuízos foram devidamente esclarecidos. Os dados referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela **Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde**, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

Os procedimentos desta pesquisa se baseiam em uma entrevista semi-estruturada, contendo perguntas abertas. O áudio das entrevistas será gravado para posterior transcrição das respostas.

Riscos: Não há

Benefícios: Espera-se que a investigação possa fornecer informações para possíveis reflexões no âmbito da formação de professores de Educação Física.

A coleta de dados será realizada pela mestrande Ana Maria Martins Barbosa (fone: 48 9658-0710) da turma 2013/1 do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação da UNESC e orientada pelo professor(a) responsável Vidalcir Ortigara (fone: 48 3431-2581) O telefone do **Comitê de Ética é (48) 3431.2723**.

Criciúma (SC) ____ de _____ de 2014.

Participante:
CPF:

Pesquisador Responsável:
CPF:

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1) O que você entende por leitura?
- 2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?
- 3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)
- 4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?
- 5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?
- 6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?
- 7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?
- 8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?
- 9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?
- 10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?
- 11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?
- 12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)
- 13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM OS LICENCIANDOS

ENTREVISTA LICENCIANDO 1

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 1: Leitura é toda forma que tu utilizas para adquirir conhecimento “indiferente” se for livro, jornal ou revista. Tudo que tu fores ler, por exemplo, um jornal, tu vais estar adquirindo conhecimento que está acontecendo na sociedade ou naquela comunidade, naquele dia.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 1: Até a sétima fase foi. A partir do momento em que eu entrei para o grupo de pesquisa comecei a estudar outras coisas. É quando na oitava fase eu comecei a estudar sobre o meu TCC, comecei a estudar sobre os assuntos, temática do meu trabalho. Mas isso foi mais no final mesmo. Durante o curso eu só lia o que era exigido, não tinha algo que me chamasse muita atenção para ler.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 1: Livro inteiro foi um. Mas, tiveram vários artigos, capítulos de livros não sei precisar quantos.

Pesquisadora: Tu sabes me dizer qual livro inteiro foi esse?

Licenciando 1: Foi do Kunz, aquele do esporte... e alguma coisa...

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenhas melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 1: Das disciplinas, eu acredito quase que nenhuma, foi mais em busca do TCC mesmo. Isso me auxiliou para ler mais sobre. E o projeto de pesquisa que não é uma disciplina da graduação, mas me instigou mais independente do assunto que estava pesquisando, me instigou, pois tratava mais de educação, sobre a educação física, sobre a teoria crítica. Isso me instigou mais, mesmo sendo diferente do tema abordado no meu TCC, mas esses dois temas me instigaram para buscar e ler sobre. Mas nenhuma disciplina me instigou: “Ah! eu vou ler sobre isso”, não.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 1: Dificuldades em algumas, principalmente na didática da Educação Física. Aqui no curso eles abordam várias teorias,

são apresentadas todas as outras, mas, tem duas principais a crítica superadora e crítica emancipatória. A crítica emancipatória foi mais tranquila para entender. A outra eu tive mais dificuldade para entender sobre os assuntos.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 1: Eu acredito que no próprio curso como a gente faz o Estágio II baseado na Crítico-Emancipatória, a gente tem um maior tempo para entender. Já Crítico-Superadora, não. Os professores que dão a disciplina de didática, eles abordam mais a Crítico-Emancipatória devido ao próximo estágio ser dentro da Crítico-Emancipatória. Então, é uma breve pincelada sobre a Crítico-Superadora. E isso a gente só vai aprender com as próximas disciplinas. Daí só no próximo estágio é que o professor de estágio vai abordar a Crítico-Superadora, onde a gente já deveria ter assimilado aquela perspectiva.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 1: Acredito que foi nas primeiras fases, até a terceira fase, até porque ao decorrer das minhas vivências na escola básica eu quase não lia. Então eu acredito que eu traga essas dificuldades disso. Nas minhas primeiras fases eu quase não lia. É daí em diante que curso vai fazendo com que a gente leia mais. Tudo que li até a sétima fase foi aquilo exigido durante o curso, nada além.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 1: Sim, tinham várias palavras que eu não entendia daí eu tinha que recorrer ao dicionário. Dificuldades em entender alguns autores apresentados pelas disciplinas. Mas acho que isso pode ser devido à pouca leitura anteriormente. Porque agora depois da sétima, oitava fase eu venho lendo mais. Tem palavras que eu já pesquisei, então, eu sei o que significa.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 1: Sim, tem palavras que eu não conheço ou não são de ordem de dicionário, são de Filosofia, Sociologia. Então, eu recorro aos professores que me cercam, por exemplo, no grupo de pesquisa. Como eu estudo sobre a educação, iniciação dos professores tem muitas

palavras dentro da teoria crítica que eu desconhecia. Então, os professores que coordenam o projeto me auxiliam dessa forma. Fora essas palavras, eu recorro ao dicionário.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 1: Cinco livros que eu me lembre agora. Um livro trata da Crítico-Emancipatória o outro da Crítico-Superadora que é o coletivo, e... Tem dois livros que são dentro da temática da sexualidade, de gênero, de corpo, dentro da área da Educação Física.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 1: Fui a biblioteca ou às vezes os professores davam oportunidade durante as aulas, por exemplo, um artigo ou capítulo para ser discutido na própria aula, foram esses espaços.

Pesquisadora: Qual biblioteca?

Licenciando 1: Na central.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 1: Bem pouco. A minha ida à biblioteca começou a ser mais frequente no início desse ano, início da sétima fase. Quando eu tinha trabalhos, no início da graduação, por exemplo, os professores solicitavam alguns livros, então, eu ia. No início da sétima fase, daí eu já ia mais por vontade própria na biblioteca pesquisar alguns livro. Então fui mais para o fim do curso, nas últimas duas fases do curso, mesmo.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 1: Na sétima fase foi um total de oito livros. Já na oitava fase dois livros que eu comprei. Foi esse o total.

Agradecimento da pesquisadora.

ENTREVISTA LICENCIANDO 2

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 2: É a base referencial que a gente tem para poder argumentar quando a gente vai escrever algo.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 2: Sim. É que não tenho muito costume de ler. Até gostaria. Então, eu fiz só aquilo que era meio que obrigado pelo curso.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 2: Seria mais as partes que eu precisava, em torno de uns quatro mais ou menos.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 2: Acho que agora a do TCC. Foi a que deu para um entendimento melhor.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 2: Eu acho que tive mais dificuldade. Por ler muito pouco, então eu tenho pouca compreensão de adquirir aquele conhecimento transmitido no livro.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 2: À falta de leitura mesmo. Eu não tenho esse hábito e prazer de ler. Eu gostaria de ter, mas não tenho. Como a gente não tem, acaba não tendo facilidade de compreender aquilo está sendo passado.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 2: A oitava é difícil porque é onde a gente precisa mesmo do embasamento teórica para fazer o TCC, onde eu não tive isso nas fases de antes e isso acaba refletindo na oitava fase... a falta de leitura.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 2: Muito, a maior dificuldade.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 2: Seria mais o dicionário mesmo, pelo computador, aquela palavrinha... para ter um maior “compreendimento”.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 2: Nossa! Nenhum.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 2: O espaço é amplo e muito bom. Mas, acho que a falta de interesse não contribui para utilizar esse espaço que é muito bom e que a universidade possui.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 2: Muito difícil. Acho que mensal, quando necessitava mesmo.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 2: Mais no final mesmo, no TCC, por estar buscando referencial teórico para escrever. Em torno de dois, mais ou menos.

Agradecimento da pesquisadora.

ENTREVISTA LICENCIANDO 3

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 3: Leitura é o ato de ler. A criança começa a entender os códigos que estão nos livros, nas fontes de leitura e passam a entender melhor.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 3: Não. Temos que procurar outras fontes para complementar. Só a base que dão aqui no curso não é suficiente.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 3: Partes são muitos. Uns vinte mais ou menos.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 3: Produção e interpretação de texto, metodologia científica, mas as outras também. Mas, o foco são essas.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 3: Facilidades porque na verdade as leituras complementam o que os professores passam aqui na instituição.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 3: Como eu já falei, porque é um complemento do que a gente estuda aqui.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 3: Nas últimas. Na produção do artigo, do projeto porque são muitas leituras, muitos materiais diversificados para que tu consigas escrever o teu artigo.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 3: Sim. Em alguns artigos, algumas palavras precisam ser procuradas no dicionário mesmo.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 3: Uso recursos. Como já falei, em dicionários, e internet também.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 3: Uns dez livros. Todos relacionados à Educação Física. Mas alguns relacionados à Educação,

Pesquisadora: Tu queres citar algum?

Licenciando 3: Sim. Paulo Freire: Pedagogia da autonomia, coletivo de autores, Kunz: Transformação didático-pedagógica, aquele do Valter Bratti: Educação Física... social... e mais alguns.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 3: A biblioteca tem um espaço bem bom, e algumas salas quando ficam vazias ou quando a gente chega mais cedinho.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 3: Sim, bastante, semanalmente. Bem no início eu visitei bastante porque eu queria ter uma base e bem no final foi mais com a produção do artigo e do projeto.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 3: Depende das vezes. Nos últimos tempos eu pegava de cinco a seis livros por vez para construção do projeto.

Agradecimento da pesquisadora.

ENTREVISTA LICENCIANDO 4

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 4: É uma forma de adquirir conhecimento. Na verdade expandir também. Aprender uma nova forma de linguagem em que a escrita é inserida. A gente consegue compreender outras coisas que estão escritas de forma diferente. E nessa leitura, com a ajuda do dicionário, a gente consegue enxergar um texto mais bonito, mais rico.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 4: Sim. Os textos, artigos, artigos e livros que eu utilizei no TCC, falando das teorias da Educação Física: Crítico-Emancipatória e superadora.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 4: Dois livros inteiros do curso que são mais utilizados. Fora esses, o da pedagogia da autonomia do Paulo Freire, do Kuns também que também é Crítico-Emancipatória, mas, explicando planos de aulas de capoeira e atletismo.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 4: A didática da Educação Física que foi quando solicitou os dois livros, o TCC que é a metodologia científica II que faz a leitura de muitos artigos, pois a temática é muito aberta, um pouquinho das aulas práticas de lutas, futsal eu também tive que ler bastante na utilização dos Estágios, como plano de aula, históricos dos esportes para poder dar uma boa aula na escola. Na hora do Estágio eu tive que ler bastante, para ter um aprofundamento e não ser surpreendida na prática.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 4: Dificuldades porque eu tinha o costume de ler mais livros tipo Augusto Cury que tem uma lógica de romance e psicologia. Daí teve algumas disciplinas que davam textos muitos chatos, tinha que ler, não entendia tinha que ler denovo, daí se tornava chato e “difícil”. O mais agradável mesmo foi o crítico emancipatório que eu achei um livro bem produtivo, bem claro,

diferente do coletivo de autores que achei mais difícil, mais rígido de compreender. Tem que ler bastante vezes para se ter um entendimento.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 4: Acredito que foi mais dificuldade porque eu lia mais como hobby e não como estudo, lia por lazer, livros que eram do meu gosto. Daí quando eu tive que atribuir algumas formas de leitura, não foram agradáveis pela forma de como era escrita ou às vezes não eram muito fáceis de identificar. Tinha que procurar mais acessos para identificar algumas coisas.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 4: Acho que foi na aula de PIT, mais no início, pela terceira, quarta fases, porque tinha que ficar muito tempo na frente do computador e eu não gosto disso. Ler com livro na mão é melhor. Por isso eu sempre procuro comprar os livros que são pedidos para ter o livro na mão. Computador não é o meu forte. Quando o professor manda alguma coisa por e-mail para ler, só leio se ele insistir muito, se não... É muito chato na frente do computador.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 4: Acho que alguns autores que eram desconhecidos e eu conheci só agora. Teve até alguns que eu me apaixonei agora no meu TCC, alguns que falam da mídia na Educação Infantil e que os professores não utilizam muito e que agora fazem parte desse meu processo desde o começo desse semestre. Acho que foi muito bom conhecê-los, ter uma visão diferente.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 4: Algumas leituras usei dicionários, por eu não ter hábito de ler algo muito científico, muito historio. Anotações também, eu anoto tudo que leio, rabisco bastante. Por isso que comprei os livros se não a biblioteca ia me dar uma multa grande (risos).

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 4: Bastante. Eu tenho os livros que eu comprei da Educação Física, Paulo Freire, coletivo de autores, vários textos, como: futsal, handebol, didática, Políticas, Educação Especial, e também tenho

umas seis pastas arquivadas com documentos e textos que ganhei de uma professora no estágio.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 4: Eu gosto de ler mais em casa e utilizo o horário da noite, pois minha rua é meio barulhenta, e gosto de ler em silêncio. Na Biblioteca fui algumas vezes, mas sempre tem pessoas conversando, então prefiro ler em casa e no horário noturno. Aqui na faculdade li algumas vezes, pois chego às seis horas e ainda está calmo.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 4: Não, quando falavam para pesquisar em algum livro, eu sempre comprava. Como já falei, na biblioteca é muita gente. Então utilizei mais para pesquisas. A partir da quinta fase que eu comecei a utilizar mais a biblioteca, pois foi quando começou a ter aulas práticas e surgir recursos de livros pra pesquisa. Mas no estágio fui bastante vezes com minha colega, porém para utilização do espaço mesmo.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 4: Nunca peguei livros, normalmente comprava ou batia xerox para não ter a preocupação das multas, e poder ler calmamente.

ENTREVISTA LICENCIANDO 5

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 5: Na verdade pra mim leitura seria “tu ler” e gostar do que estar lendo. Aqui na faculdade, a gente lê bastante mas são coisas obrigatórias, então não chega a ser tão prazeroso. Então para mim, a leitura teria que ser feita porque a pessoa gosta e não por estar sendo obrigada.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 5: Sim, somente as leituras que eles mandavam. Davam as apostilas e pediam para ler os livros das concepções que eles embasaram nos nossos estágios.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 5: Alguns eram só as apostilas. Mas teve um das concepções, porém não a gente não leu todo, os professores só deram alguns capítulos para ler. Então, no total não saberia dizer.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 5: Teve uma matéria na terceira fase de psicologia da aprendizagem, que a gente lia bastante, apesar de ser leitura obrigatória, falava sobre o ser humano e interessa à grande maioria.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 5: Mais dificuldade, principalmente quando tinha que ler devido ao estágio. Uma coisa é o que está escrito no livro e outra é a realidade vivida na escola, então eu tive dificuldades em relacionar.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 5: Por essa dificuldade de não conseguir identificar o que tinha no livro, pois parecia muito distante do que acontecia na realidade.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 5: A partir do momento que começou os estágios obrigatórios, na quinta fase.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 5: Bastante, até nos relatórios de estágio. É difícil, pois como não gosto de leitura, tenho dificuldade para escrever. E com a leitura teria um vocabulário mais amplo.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 5: Sempre recorri ao dicionário, pois algumas palavras eram bem difíceis de entender.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 5: Nenhum. Todos os livros eu batia Xerox.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 5: Era bem difícil, pois moro com minha mãe, e às vezes me atrapalha com barulhos, e só me concentro em silêncio. Aqui no bloco a gente tinha o C.A, mas está sempre cheio, pois o pessoal utiliza para fazer trabalhos. E também tinha a biblioteca, porém no período da noite não há silêncio. E como eu estava trabalhando era difícil vir em outro período.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 5: Bastante frequência, semanalmente. Nas primeiras fases a gente tinha bastantes trabalhos e era lá que a gente se reunia para realiza-los. Porém agora nas ultimas fases frequentei menos vezes.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 5: Sim, aluguei bastantes livros, mais de 50. Cada vez que eu ia, alugava dois ou três.

ENTREVISTA LICENCIANDO 6

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 6: Para mim a leitura é um meio para a gente aprender mais, sobre assuntos variados. Desde ler rótulos, revistas, jornal, livro, de qualquer gênero. É um meio da pessoa se aprofundar mais.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 6: Não. Eu sempre procurei ler mais do que pediam. Algumas vezes não lia o livro inteiro, mas pegava os capítulos referentes à disciplina.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 6: O problema é que eu vim de outra universidade, então não faço ideia, porém, mais de dez com certeza.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 6: Na disciplina de Produção e Interpretação de Texto. Eu já tinha feito na outra universidade, mas aqui me deixou bem forte a parte da interpretação. Pois sempre gostei de ler, desde criança

tive o exemplo em casa. Além de tudo o professor da disciplina é excelente, fiquei bem contente e me marcou muito. Também as disciplinas do estágio. Lembro da matéria de Didática da Educação Física, eu lia bastante e me ajudou muito.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 6: Dificuldade eu tive mais no início, pois fazia Ciências Contábeis antes vir pra Educação Física.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 6: Eu entrei em mundo bem diferente, a dificuldade era de compreender a linguagem, mas foi mais nas primeiras fases, depois foi tranquilo.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 6: Nas fases iniciais.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 6: Muito pouco, eu gosto de ler desde nova, sempre tenho livro comigo, então não tenho muito problema com interpretação. Mas às vezes acontece de não conseguir contextualizar uma palavra no meio do texto, então busco o significado.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 6: Mais o dicionário, ou procurava na internet, no Priberam.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 6: São vários, não lembro agora.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 6: Teve diversos professores que proporcionaram momentos para a gente ler e debater em sala de aula, mas em nenhum outro espaço.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 6: Eu nunca utilizei a biblioteca para leitura, até porque eu moro bem longe. Apenas para fazer trabalhos e pesquisas. Acredito que ia mensalmente, apenas para pegar livros e fazer trabalhos. Durante o curso inteiro, sempre que necessário eu pegava livros.

13 Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 6: Eu nunca ia pegar somente um livro, eu alugava de dois a quatro livros.

ENTREVISTA LICENCIANDO 7

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 7: É uma forma de conhecimento, de ter outras visões de um assunto que te interesse.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 7: Sim, as complementares eu nunca cheguei a ler.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 7: Fiz leituras de artigo, em algumas matérias. Mas leitura de livros eu lembro da disciplina de Didática, que eu li Paulo Freire. Fora os capítulos, leitura de livro inteiro me lembro de alguns do Paulo Freire que me chamaram atenção, exemplo: Pedagogia do oprimido e Viver é preciso.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 7: Didática Geral e da Educação Física, essas duas matérias foram as que mais deram condições para leitura, pois precisava da leitura para debates em sala de aula.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 7: Facilidade. Eu sempre gostei de ler, então não tenho preocupação.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 7: Por experiência, sempre frequentei a igreja, comecei a ler e ganhava livros das pessoas. Então acabei tomando gosto pela leitura.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 7: No início da graduação, pelo fato de tu estar acostumado à leitura básica, e nas fases iniciais as leituras são mais críticas e aprofundadas.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 7: Não, eu sempre procuro ler com o notebook do lado, pois quando não entendo uma palavra, procuro em seguida e já anoto para poder entender, as vezes só o contexto não é o suficiente.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 7: Tenho alguns livros em casa e são todos riscados com o significado das palavras que tive dificuldade para entender, então quando não sei o significado de alguma palavra relaciono com o contexto dos livros e isso facilita a procura, apesar de não saber a página sei que está naquele livro.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 7: Durante a graduação ganhei um livro de um professor do Paulo Freire, e comprei mais dois desse autor. Teve um congresso que fui em Curitiba, onde comprei um livro que fala sobre a vida dos professores. Enfim, nessa graduação adquiri em média 6 livros.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 7: Na graduação muito pouca, pois trabalho o dia inteiro. Então se eu quisesse ler, teria que ser em casa. Na graduação tinha bem pouco espaço para isso. Mas, alguns professores sim, fazem no planejamento deles dias para deixar espaço pra ti poder ler. Teve um professor da matéria de Políticas Públicas relacionadas à Educação Física que achei muito interessante o modo de ensino dele. Ele dava uma leitura e na próxima aula era discussão da leitura anterior. Era horário de aula, então facilitava e depois aplicava um trabalho ou uma prova.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 7: Não, eu tenho bastantes livros em casa, então recorro a eles.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 7: No começo bem pouco, mas no final que tinha que fazer o TCC, alguns livros, lógico, eu não tinha em casa, então eu ia para a biblioteca. Mas assim, peguei dois livros na biblioteca e o resto emprestado do professor orientador. Peguei da biblioteca no curso todo quatro ou cinco livros, no máximo.

ENTREVISTA LICENCIANDO 8

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 8: Acima de tudo, o conhecimento. A partir dela teremos um conhecimento sobre certos temas, ajuda também na ortografia e expressão, e é muito importante para o professor, além de tudo estar atualizado.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 8: Não, também as específicas, as concepções de estágio, temos que estar buscando para melhorar na pesquisa em geral.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 8: Livro inteiro só os exigidos. Mas partes a gente acaba procurando capítulos relacionados aos temas.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 8: Didática me ajudou bastante, é uma disciplina importante para continuar nos estágios. E o próprio estágio que tivemos de procurar vários autores.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 8: Dificuldade, pois não tenho o costume. Comecei a ler específicos na faculdade, não tenho interesse em outros autores.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 8: Porque antes de começar a faculdade, não tinha hábito de leitura.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 8: Na quinta fase, pois foi quando começaram os estágios.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 8: Dificuldade comum, qualquer dúvida procurava o dicionário.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 8: Procurava no dicionário, na internet e tirava dúvidas até com os próprios professores.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 8: Só os específicos que eram mais objetivos principalmente para os estágios.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 8: Biblioteca da UNESCO tem um acervo muito bom, mas tempo de leitura era pouco, pois tinha que conciliar o trabalho com a faculdade, então utilizava finais de semana e folgas. Aqui na UNESCO em sala de aula era pouco.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 8: Sim, teve tempos que não frequentei, mas teve épocas que fui mais frequente. Mais no meio e no fim do curso, no começo muito pouco.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 8: Sim, tinha que alugar para ter acesso em casa. Como não tinha muito tempo de estar na biblioteca, alugava para ler em casa. Quando eu ia, alugava até três autores diferentes, e algumas vezes alugava o mesmo mais de uma vez.

ENTREVISTA LICENCIANDO 9

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 9: Eu acho que tem que gostar. Se for uma leitura forçada não vale a pena. Leitura é um hábito.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 9: Não, eu li livros a mais para poder me aprofundar nas teorias, e ter mais embasamento teórico.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 9: Mais de dez. Teve livros inteiros, capítulos e algumas partes de outros.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 9: Metodologia dos Esportes, coletivo de autores. Também li bastante na área de saúde, referente ao meu TCC, anatomia, handebol. Acho que todas a gente tem que ter uma base.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 9: Um pouco de dificuldade.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 9: Tem muitos livros que são de difícil compreensão.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 9: Na oitava, em função da construção do TCC.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 9: Dificuldade não, pois quando eu não sabia o significado de alguma palavra, logo já pesquisava.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 9: O dicionário ou então perguntava para algum professor.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 9: Que eu mais li foi de Guedes e Nahas, que fala bastante sobre os programas de Educação Física.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 9: Que eu saiba só tem o CA, só que muita gente fica lá, então fica meio difícil de conseguir estudar.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 9: Biblioteca nem tanto, mais foi em casa, sozinha. Mas, ia mensalmente e mais no final, devido ao TCC.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 9: Sim, várias vezes. Pegava em média quatro livros por vez.

ENTREVISTA LICENCIANDO 10

1) O que você entende por leitura?

Licenciando 10: É tudo aquilo que a gente pode absorver de conhecimento e aprendizado.

2) Durante o curso de Licenciatura em Educação Física você fez que tipo de leitura? Somente as exigidas pelo curso?

Licenciando 10: Somente as exigidas pelo curso.

3) Quantos livros relacionados à área de Educação Física você leu durante o curso? (partes, capítulos)

Licenciando 10: Teve um livro inteiro, e mais dois livros que foram em partes.

4) Quais disciplinas do curso você acredita ter auxiliado no seu processo de leitura, isto é, que tenham melhorado sua capacidade de leitura?

Licenciando 10: Principalmente a disciplina agora no final de TCC, e de Metodologia da Pesquisa.

5) Você obteve dificuldades ou facilidades durante as leituras realizadas para estudo das disciplinas?

Licenciando 10: Algumas dificuldades, mas com a ajuda dos professores consegui resolver.

6) Porque tivestes essas dificuldades ou facilidades? A que você as atribui?

Licenciando 10: Algumas por não entender o contexto, e outras por não conseguir o que era preciso da leitura.

7) Em qual fase ou momento do curso você encontrou maior dificuldade com as leituras estudo?

Licenciando 10: Na última fase, foi muito proveitosa, mas também tive bastante dificuldades, pois eram muitos conteúdos.

8) Obteve dificuldades em identificar palavras, temas, conteúdos, autores, etc?

Licenciando 10: Sim.

9) Para essas leituras você recorreu a algum tipo de recurso para conseguir a compreensão? Como dicionários, fichamentos, anotações, esquemas, etc?

Licenciando 10: Dicionário, anotações e conversa com os professores.

10) Quantos livros, revistas, você adquiriu durante o curso? Quais por exemplo? Do que ele se tratava, qual o seu conteúdo?

Licenciando 10: São dois, o do Kunz, que fala da Crítico-Emancipatória e o Coletivo de autores que foi utilizado para o TCC.

11) Quais condições para a leitura você tinha durante o curso? Biblioteca, sala de estudos, etc?

Licenciando 10: Tive tempo e espaço, alguns professores até cediam tempo para que fossemos na biblioteca pesquisar.

12) Durante o curso você visitava a biblioteca da universidade com que frequência? (mensal, semanal) Em qual momento do curso visitou mais? (início, meio ou final de curso)

Licenciando 10: Não muito. Cada ano ia em média três vezes. Foi mais no início e no final.

13) Nestas visitas você locou (tomou emprestado) e utilizou nos estudos em média quantos livros?

Licenciando 10: Apenas uma vez que eu peguei dois livros.